

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE BRASÍLIA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
EM GERONTOLOGIA**

Ana Cristina de Almeida Sonza

“DOS VELHOS É QUE VEM A SEMENTE”:

O IDOSO NA FOLIA DE REIS

BRASÍLIA

2006

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

ANA CRISTINA DE ALMEIDA SONZA

**“DOS VELHOS É QUE VEM A SEMENTE”:
O IDOSO NA FOLIA DE REIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Gerontologia da Universidade Católica de Brasília, área de confluência: Promoção da longevidade com qualidade de vida: aspectos psicológicos e sócio-culturais do envelhecimento, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Gerontologia.

Orientador: Prof. Dr. Luís Otávio Teles Assumpção

BRASÍLIA

2006

Ana Cristina de Almeida Souza

“DOS VELHOS É QUE VEM A SEMENTE”:

O IDOSO NA FOLIA DE REIS

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dra. Ludmila Moreira Lima

(Examinador Externo - UNIEURO)

Prof.^a Dra. Carmen Jansen de Cárdenas

(Examinador Interno - UCB)

Prof. Dr. Luís Otávio Teles Assumpção

(Presidente)

BRASÍLIA

2006

S724d Souza, Ana Cristina de Almeida.

“Dos velhos é que vem a semente” : o idoso na folia de reis
/ Ana Cristina de Almeida Souza. – 2006.

104 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Universidade Católica de
Brasília, 2006.

Orientação: Luís Otávio Teles Assumpção

À querida professora, Sandra M. Bessa Ferreira

Por toda sua paciência e empenho ao revisar minha dissertação. Tudo isso contribuiu para que eu me tornasse mais forte diante de todos os obstáculos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente aos foliões que me permitiram despertar um novo olhar sobre a importância da Folia de Reis para a manutenção da cultura de um povo.

Continuo agradecendo ao meu esposo, Júnior, e aos meus filhos, Fabrício e Pedro, pelo amor e paciência, por todas as vezes em que me ausentei de momentos familiares, festivos e felizes para me dedicar à realização deste trabalho. E também aos meus pais Evaldo e Maria Aparecida, bem como os meus sogros Alvir e Meli, os quais também me deram muito apoio.

Ao professor orientador Dr. Luís Otávio Teles Assumpção, todo o meu apreço pela pessoa respeitosa, exigente e correta que é, como por todo o incentivo dado à realização desta pesquisa.

Às professoras convidadas, Dra. Carmen Jansen de Cárdenas e Dra. Ludmila Moreira Lima, agradeço a contribuição e o crescimento acadêmico nos momentos de avaliação deste trabalho.

RESUMO

Conhecedor do passado por tê-lo vivido e, assim, guardião privilegiado da memória coletiva, o idoso desempenha importante papel no resgate, manutenção e reprodução de tradições. História e memória são processos sociais. Preservam e retêm o tempo, guardando-o do esquecimento e da perda. Dessa forma, mantêm vivo o sentimento de identidade. A memória é a ferramenta com a qual se constrói uma narrativa consistente e coerente da vida das pessoas. Manifestações rituais são momentos onde se celebra e se comemora a memória coletiva. Nelas, as tradições são recuperadas, reproduzidas e, assim, mantidas vivas. Nestas ocasiões, os idosos desempenham um papel bastante significativo revelando sua importância e seu caráter indispensável à sociedade na medida em que transmitem e reproduzem os valores culturais de um determinado grupo. Ao estudarmos um destes rituais, procuramos entender o papel desempenhado pelos idosos em tal processo – a Folia de Reis, festa popular religiosa que ocorre no período de 24 de dezembro a 6 de janeiro, na qual um grupo de cantadores e instrumentistas percorrem ruas e sítios de várias cidades no Brasil, cantando e louvando o nascimento do Menino Jesus. O trabalho foi realizado na região rural de Patos de Minas – MG, quando entrevistamos idosos na busca de conhecermos seus papéis, suas atitudes, suas posturas, seus pontos de vista, seus comportamentos em tão belo ritual.

PALAVRAS CHAVES: O idoso e seu papel para a manutenção da Folia de Reis, Festas e Rituais.

ABSTRACT

Knowing the past, by living in it, the old people play an important role saving, maintaining, and reproducing the collective memory and tradition. History and memory are, social processes to preserve and keep the time in humans minds leaving of forgotten and lost, in order to sustain alive the identity feeling. The memory is a tool to build a consistent and coherent of people lives. Rituals, cults and manifestations are moments that we celebrate the collective memory. In these moments, the traditions are recovered, reproduced and then kept alive. In these occasions, the old people are the main character in the play because they teach and reproduce the culture values in a specific group. In this work we study these rituals looking for the performance of the old people in this play. "Folia de Reis", is a religious popular celebration which happens from December 24th to January 6th. It is a celebration that singers and musicians walk on the streets and farms of many cities in Brazil, singing and glorifying the Jesus Christ birth. The work was done in the country region of Patos de Minas – Minas Gerais, where we can interview the old people searching for their roles, attitudes, points of view in this ritual.

KEYWORDS: The old people and their role for the maintenance of Folia de Reis, popular celebration and rituals.

SUMÁRIO

RESUMO	viii
ABSTRACT	ix
LISTA DE FIGURAS	xiii
LISTA DE ANEXOS	xiv
INTRODUÇÃO	16
OBJETIVOS	19
Objetivo geral	19
Objetivos específicos	19
JUSTIFICATIVA	20
METODOLOGIA	21
- CAPÍTULO 1	
O PAPEL SOCIAL DO IDOSO	25
- CAPÍTULO 2	
TRADIÇÃO	30
- CAPÍTULO 3	
MEMÓRIA	34
- CAPÍTULO 4	
“SOMOS O QUE FESTEJAMOS”: AS FESTAS COMO PROCESSOS SÓCIO - CULTURAIS	40
- CAPÍTULO 5	
RITUAIS	47
5.1 Função social do ritual.....	49
5.2 Tipos de rituais.....	49

- CAPÍTULO 6

A FOLIA DE REIS NO BRASIL.....	52
6.1 Origem.....	52
6.2 Os Reis Magos.....	53
6.3 O nascimento do Menino Jesus e os Reis Magos.....	56
6.4 Características.....	57
6.5 Componentes.....	58
6.6 Promessa.....	60
6.7 Bandeira.....	61
6.8 Roteiro ou trajeto da folia.....	61
6.9 Visitas.....	61
6.10 Cânticos.....	62
6.11 Donativos arrecadados.....	63
6.12 Encerramento.....	63

- CAPÍTULO 7

PATOS DE MINAS.....	65
7.1 Histórico.....	65
7.2 Patos de Minas e a Folia de Reis.....	70

- CAPÍTULO 8

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	73
8.1 Entrevistas com idosos.....	73
8.2 Outros entrevistados.....	93
8.3 Significado e importância da Folia de Reis.....	96

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	101
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	104

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Igreja Matriz de Santo Antônio (1916).....	68
Figura 2: Igreja Matriz de Santo Antônio (2005).....	68
Figura 3: Cidade de Patos de Minas-MG.....	69
Figura 4: A alferes da bandeira.....	84
Figura 5: A “pinguinha” dos foliões.....	85
Figura 6: A comida oferecida na Folia.....	86
Figura 7: Os foliões agradecem à comida recebida.....	87
Figura 8: O folião beija a bandeira.....	89
Figura 9: O presépio.....	91

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A – Questões abordadas nas entrevistas

ANEXO B - Relação dos grupos de folias de reis cadastrados no ano de 2005: Dispensário
São Vicente de Paulo- Patos de Minas – MG.

ANEXO C – Fotos da zona rural - Mata dos Fernandes - em Patos de Minas - MG

INTRODUÇÃO

A Folia de Reis, uma secular festa religiosa realizada em vários estados do Brasil e em diversos países católicos, permite resgatar positivamente a identidade do idoso. Valoriza uma cultura muitas vezes esquecida pela qual o idoso se torna responsável, como guardião privilegiado de tradições repassadas por várias gerações, de um acervo imemorial. Essas tradições revelam, por meio do ritual da Folia de Reis, valores arraigados capazes de expressarem os sentimentos, a história e a memória coletiva.

Estudamos o papel desempenhado pelos idosos na preservação da memória cultural coletiva na festa de Folia de Reis de Patos de Minas-MG, resgatando seus valores enquanto guardiões de um legado cultural.

Para trabalharmos essa questão elaboramos oito capítulos.

No capítulo um, apresentamos definições sobre o significado de papel social para compreendermos a sua importância no que se refere ao conjunto de comportamentos e condutas dos idosos dentro de uma sociedade moderna. Sabe-se que, em todo o mundo, a proporção de idosos está se tornando cada vez maior e essa alteração da estrutura demográfica provoca significativas mudanças nos papéis sociais.

No capítulo dois, discutimos a idéia de algumas tradições que imaginamos e julgamos serem antigas, na verdade, são muito recentes e, portanto inventadas.

No capítulo três, estudamos a importância da memória cultural como mecanismo fundamental para a transmissão e manutenção de tradições de uma sociedade. Ao lembrarmos o passado, estamos trazendo à tona várias situações que podem nos fazer refletir sobre quem e como somos. Por isso entendemos que a memória cultural do idoso pode-se constituir em um importante elo para a história e a comunidade.

Observamos que para um melhor entendimento do significado da memória cultural deve-se compreender sua divisão em dois tipos. O primeiro é chamado de memória-hábito e

está associado à repetição contínua de gestos e palavras que se transformam em gestos do cotidiano. O segundo tipo é denominado memória pura, o qual não precisa de ações repetitivas para serem guardadas na lembrança. Nessa classificação, a memória é requerida com gestos, palavras ou atos de maior expressividade.

No capítulo quatro, analisamos a importância das festas como manifestações dotadas de forte conteúdo de integração social e cultural. Nelas se incluem tanto os ritos, como as celebrações religiosas ou comemorações políticas. Apresenta-se sob as mais diferentes formas: danças, músicas, cantos, orgias, êxtases, movimentos frenéticos regados com bebidas e comidas. Nesse momento o homem afasta-se da monotonia da “vida séria” cotidiana, “abrindo as portas” de um mundo rico em significados, profundamente emocionais, gestos e atitudes que deixam nossa imaginação mais livre e à vontade. Nesses momentos, o indivíduo ganha maior expressividade e entusiasmo, sendo imerso no coletivo, o que contribui fortemente para o aumento da intensidade das relações.

No capítulo cinco, apresentamos a definição de rituais, os quais se caracterizam pela seqüência ordenada de comportamentos, realizados de maneira formal e com um tipo de linguagem peculiar que seguem padrões estabelecidos. Distinguem-se também por sua natureza simbólica e por se realizarem em ocasiões específicas e períodos determinados.

Observamos que os rituais são divididos em três etapas: separação, margem e agregação. Essas etapas marcam a passagem de um indivíduo ou grupo de um estado ou condição para outra.

Finalizamos esse capítulo descrevendo alguns tipos de rituais, tais como: confirmação, celebração, libertação, transformação, iniciação e exploração, os quais se classificam de acordo com os objetivos desejados.

Os conceitos analisados nos capítulos um a cinco foram trabalhados e articulados com o objetivo de permitirem melhor entendimento do significado social e cultural da festa. Com

eles percebemos que a festa de Folia de Reis, diferentemente do que é percebido por turistas passageiros e por incautos, representa muito mais que um encontro alegre e descontraído.

No capítulo seis, estudamos a origem da Folia de Reis relacionando-a a especificidades, tais como lendas que envolvem o nascimento do Menino Jesus, características gerais da festa, como, por exemplo, a diferença entre Folia de Reis de Caixa e Folia de Reis de Banda de Música. Relatamos também seus componentes e demais fatores que tornam essa festa tão decisiva para a continuidade das tradições culturais de um povo.

No capítulo sete, apresentamos um histórico da cidade de Patos de Minas-MG com informações relativas à origem do seu nome, aos primeiros habitantes e ao documento mais antigo que se referia à primeira sesmaria a englobar o atual território da cidade.

Descrevemos nesse capítulo a importância da Folia de Reis para a cidade de Patos de Minas-MG, no que se refere às questões: da manifestação cultural, da fé aos Reis Magos e também da ajuda ao próximo, por meio do Dispensário São Vicente de Paulo.

No capítulo oito, analisamos os resultados e discussões de uma das folias que ocorrem em Patos de Minas-MG- a Folia de Reis do Limão. A partir da análise das falas dos participantes dessa folia obtidas com entrevistas, fotos, vídeos, documentos e depoimentos de autoridades locais, pudemos compreender a importância e o significado da festa para os foliões.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Analisar o papel e a relevância do idoso na preservação da memória coletiva na festa de Folia de Reis.

Objetivos específicos

- Identificar a importância da Folia de Reis para os idosos;
- Analisar a Folia de Reis como uma manifestação ritual onde são repassados e confirmados, de geração a geração, valores coletivos;
- Analisar a festa como instrumento/ momento de reatualização de valores culturais;
- Analisar a festa como celebração da memória coletiva.

JUSTIFICATIVA

No Brasil a população de idosos tem acompanhando a tendência mundial de crescimento, a qual tem revelado duas questões: por um lado o idoso torna-se uma “categoria social”, ou seja, embora sempre tenham existido problemas sociais e políticos associados à questão do idoso, esses problemas poucas vezes foram objetos de análises acadêmicas mais sistemáticas. Por outro lado, o crescimento de estudos e análises sobre o papel social do idoso tem revelado as inúmeras situações de discriminação, humilhação, descaso e opressão a que eles estão constantemente expostos.

Tanto o crescimento demográfico dos idosos, como o número de trabalhos realizados sobre essa temática, e as difíceis situações que esse grupo social enfrenta cotidianamente, exigem muito mais estudos e análises dos diversos campos do conhecimento sobre o tema.

Nosso trabalho procura estudar o papel desempenhado pelo idoso em uma festa religiosa - Folia de Reis - na cidade de Patos de Minas, interior de Minas Gerais. Nela observamos o exercitar de um papel social por parte dos idosos qualitativamente distinto das situações de descaso, humilhação e preconceito a que eles encontram-se freqüentemente submetidos na sociedade em que são inseridos.

Nessa festa ele é detentor e difusor de conhecimentos culturais e de tradições importantíssimas. Vivencia situações significativas na sua comunidade, contribuindo para a manutenção e reprodução de tradições seculares. Com a Folia de Reis, ele deixa de ser uma pessoa comum e socialmente estigmatizada para se tornar um “folião”, categoria social que lhe proporciona o exercício de um papel de respeito, admiração, e de cidadania singular.

METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa de natureza qualitativa. Nesse tipo de abordagem, o pesquisador tem uma percepção diferenciada, pois estuda detalhadamente o comportamento de um determinado grupo social, o que lhe dará subsídios para o entendimento de experiências relacionadas às opiniões, atitudes e valores dos sujeitos estudados.

Moreira (2002) reforça que

“Os objetos estudados pelas Ciências Sociais, ou seja, as pessoas e suas atividades, não são agentes interpretativos de seus mundos, mas também compartilham suas interpretações à medida que interagem com os outros e refletem sobre suas experiências no curso de suas atividades cotidianas.”

Ainda nessa abordagem, Bauer (2002) corrobora que a pesquisa qualitativa deve ser compreendida como um meio de “dar o poder” ou “dar a voz às pessoas”, ao invés de tratá-las somente com dados estatísticos quantificados. A partir dessa concepção, é necessário que se inclua a conceituação e revisão de um problema, sua teorização, a coleta e análise de dados, bem como a apresentação de resultados.

Em função da temática escolhida, diferentes procedimentos tornaram-se imprescindíveis para o aprofundamento das análises dessa pesquisa:

A) Entrevista com os idosos

As entrevistas semi-estruturadas estão sempre relacionadas a reações que privilegiam tanto o estado emocional do pesquisado como suas opiniões, suas atitudes e seus valores. Estas foram analisadas atentamente, pelo pesquisador, e forneceram os subsídios para as análises realizadas nessa pesquisa. Elas serviram como base na análise da importância da Folia de Reis para os idosos e para a manutenção de sua cultura, bem como de outros fatores

envolvidos nesta festa. Dentre eles, citem-se: papel do idoso na folia, motivações sociais e religiosas, benefícios para a auto-estima e relações sociais que se estabelecem.

Foram realizadas entrevistas com seis idosos, com idade variando entre 65 a 87 anos, participantes da Folia de Reis do Limão. Quatro deles participam há mais de 35 anos e dois há 20 anos. Todos moram na cidade de Patos de Minas, no estado de Minas Gerais.

As entrevistas foram transcritas e organizadas por tópicos, os quais foram categorizados segundo o assunto (ANEXO A) de forma a facilitar a compreensão das respostas dadas pelos idosos, bem como estabelecer uma rede de relações e sentidos que seus discursos suscitam para a pesquisa.

Bosi (2004) enfatiza a importância das falas dos idosos:

“A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada a nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desaparecimento de entes amados, é semelhante a uma obra de arte. Para quem sabe ouvi-la é desalienadora, pois contrasta a riqueza e a potencialidade do homem criador de cultura com a mísera figura do consumidor atual.”

B) Outras entrevistas

Foram ainda entrevistados um padre, o prefeito e um radialista, os quais forneceram informações indispensáveis para a realização dessa pesquisa.

C) Observação da festa da Folia de Reis

Para a observação da festa da Folia de Reis foram feitas quatro viagens à cidade de Patos de Minas. A primeira, em outubro de 2004, teve como finalidade o reconhecimento da Folia a ser analisada, bem como dos idosos que a formavam. Na segunda e terceira viagem, realizadas em dezembro de 2004 e dezembro de 2005, ambas com duração de aproximadamente um mês, foram levantadas informações a respeito da origem da Folia de Reis e de todos os aspectos relevantes para sua realização, assim como sua importância para

os idosos entrevistados. Para compreender a Folia de Reis e suas tradições foi observada uma folia em especial, entre todos os grupos existentes na zona rural e na cidade de Patos de Minas (ANEXO B), a Folia de Reis do Limão.

Por fim, na última viagem, em janeiro de 2006, foram levantadas informações a respeito da influência da Folia de Reis para a cidade de Patos de Minas.

D) Análise documental

A análise documental é um método fundamental na complementação e comprovação de informações obtidas.

Adotou-se, para esse fim, a revisão literária sobre todo o histórico da Folia de Reis e de sua origem em Patos de Minas, bem como reportagens que relataram a importância da festa para a cidade.

E) Fotos

Na pesquisa foram fotografadas a Mata dos Fernandes, a Folia de Reis do Limão e as fazendas nas quais os foliões fizeram as visitas (ANEXO C). Segundo Bauer (2002), as fotos, com ou sem acompanhamento de som, fornecem registros específicos e importantes sobre acontecimentos reais, concretos e materiais, pois o nosso cotidiano é influenciado pelos meios de comunicação, cujos resultados, em muitos casos, dependem de elementos visuais. Assim, tem-se nesses recursos uma poderosa ferramenta para a compreensão de um determinado objeto de estudo.

F) Vídeo

Devido à importância dos rituais na encenação da festa pelo grupo de foliões foi realizada a filmagem dos cinco dias de festa¹.

Sabe-se que o vídeo permite uma enorme riqueza de detalhes, fundamentalmente, quando um conjunto de ações de um determinado grupo social é bastante complexo e, às vezes, difícil de ser analisado somente por fotos ou por um único observador.

A esse respeito, Bauer (2002) enfatiza que:

“Qualquer ritual religioso, ou um cerimonial ao vivo, pode ser candidato, ou uma dança, uma hora de ensino em sala de aula, ou uma atividade artística, desde fazer um sapato, até polir um diamante. Não existem limites óbvios para a amplitude de ações e narrações humanas que possam ser registradas, empregando conjuntamente imagem e som em um filme de vídeo.”

¹ A Folia de Reis do Limão inicia à meia noite de 25 e continua até o dia 29 de dezembro

CAPÍTULO 1

O PAPEL SOCIAL DO IDOSO

Conforme o Dicionário de Ciências Sociais, de Alan Birou (1978, p. 88), o papel social é definido como “o comportamento, a conduta ou função desempenhada por uma pessoa no interior de um grupo. O papel define-se simultaneamente com o tipo de comportamento social de alguém, em função dos esquemas sociais e culturais e do grupo, e como um modo de resposta à expectativa dos outros”.

Johnson (1997) corrobora ao afirmar que o comportamento adquirido por um indivíduo, em um determinado grupo, atribui a ele um “status”, o qual é determinado pela posição ocupada no sistema social.

Dessa forma, tem-se no papel social a representação de uma conduta legítima a se esperar de uma pessoa inserida numa certa situação social, tendo em vista seus deveres a cumprir, funções a exercer e certo número de direitos dos quais ela pode usufruir. Assim, o indivíduo torna-se capaz de desempenhar um determinado papel ou de ocupar uma posição de acordo com esse papel ao assimilar os esquemas e as configurações determinantes da vida social. Essas são transformadas em hábitos particulares, integrando-se aos moldes de comportamentos dominantes. Enfim, ele adota comportamentos previsíveis, tendo em vista que sua personalidade de base interage com determinada situação à qual ele se adapta.

Analisaremos, brevemente, o papel social do idoso no mundo moderno. Hoje, em todo o mundo, a proporção de pessoas com idade igual ou superior a 60 anos está crescendo mais rapidamente que a de outras faixas etárias. Entre 1970 e 2025 espera-se um crescimento de 223%, algo em torno de 694 milhões de pessoas mais velhas. Em 2025, existirá um total de

aproximadamente 1,2 bilhões de pessoas com mais de 60 anos. No mundo, até 2050, estimam-se dois bilhões, sendo 80% delas nos países em desenvolvimento (GONTIJO, 2005).

Essa mudança na estrutura demográfica do mundo moderno altera o sistema de papéis sociais. Mudanças de atitudes, de mentalidades, organização da sociedade para enfrentar os novos desafios e demandas que daí surgem são postas a todo instante. A rejeição ou a aceitação da velhice, em maior ou menor grau, varia de acordo com o contexto em que o idoso se insere, pois depende, em grande medida, da visão de mundo dos sujeitos e das culturas instaladas nessa realidade social.

Beauvoir (1990) chama-nos a atenção para a condição dos idosos nas sociedades. Afirma que ainda não há, na relação do adulto com o idoso, uma comunhão de idéias, no sentido de o idoso ser visto pelos indivíduos ativos como “uma espécie estranha”, da qual não fazem parte. Para a autora, a velhice inspira uma “repugnância biológica”, por representar uma forma de autodefesa de uma situação que queremos bem distante de nós.

A velhice é fortemente associada aos desgastes, às doenças e às disfunções e incapacidades físicas e/ou psicológicas, as quais descaracterizam o espaço social dos idosos. A atitude prática do adulto com o idoso, segundo Beauvoir (1990, p.267-268), é caracterizada pela duplicidade: “O adulto inclina-se até certo ponto à moral oficial que vimos impor-se nos últimos séculos, e que o obriga a respeitar os velhos. Mas ele tem interesse em tratar os idosos como seres inferiores, e em convencê-los de sua decadência.”

Viver bem é um desejo de todos. Ninguém, nesse sentido, pretende apenas adicionar anos à vida ou simplesmente “durar mais”. As pessoas, geralmente, almejam uma existência saudável, plena de liberdade e felicidade. Entretanto, essa aspiração não deve ser considerada uma graça a ser alcançada, mas um estado a ser conquistado no cotidiano, pois a velhice não é uma fase da vida em que se ingressa num momento determinado da sociedade. Ao contrário, a

cada dia, damos um passo em direção a este universo chamado envelhecimento; a cada passo, determina-se a maneira como vivenciar a fase tardia da nossa vida.

A Organização Mundial da Saúde argumenta que os países podem custear o envelhecimento se os governos, as organizações internacionais e a sociedade civil implementarem políticas e programas de um “envelhecimento ativo¹” que melhorem a saúde, a participação e a segurança dos cidadãos mais velhos. Essas políticas e programas devem estar baseados em direitos, necessidades, preferências e habilidades dos idosos. Tais políticas e programas devem considerar ainda a fundamental relação entre o *modus vivendi* dos indivíduos e a qualidade de vida em sua velhice.

É necessário que a abordagem do envelhecimento ativo esteja baseada no reconhecimento dos direitos humanos dos idosos e nos princípios de independência, participação, dignidade, assistência e auto-realização. Nesse sentido, as ações não são planejadas com enfoque apenas nas necessidades, em que se consideram os idosos como sujeitos passivos, mas partem de uma nova abordagem baseada nos direitos dos mais velhos, na igualdade de oportunidades e no cuidado com todos os aspectos da vida. Assim, há o reconhecimento da responsabilidade dos idosos no exercício de sua participação nos processos políticos, bem como em tantas outras questões da vida em comunidade.

Desta feita, é de fundamental importância que se mantenha a autonomia e a independência durante o processo de envelhecimento, pois este ocorre em um contexto que envolve outras pessoas – amigos, colegas de trabalho, vizinhos e membros da família. Esta é a razão pela qual interdependência e solidariedade entre gerações (uma via de mão-dupla, com jovens e velhos, em que se dá e se recebe) são princípios relevantes para um envelhecimento ativo.

¹ O termo foi adotado pela Organização Mundial de Saúde no final dos anos 90. Procura transmitir uma mensagem mais abrangente do que “envelhecimento saudável” e reconhecer, além dos cuidados com a saúde, outros fatores que afetam o modo como os indivíduos e as populações envelhecem.

A criança de ontem é o adulto de hoje e o avô ou a avó de amanhã. A qualidade de vida que as pessoas terão quando envelhecerem depende, portanto, não só dos riscos e oportunidades que experimentarem durante a vida, mas também da maneira como as gerações posteriores irão oferecer ajuda e apoio mútuos, quando necessário.

Uma das formas de analisar a importância dos idosos na sociedade pode ser feita por meio dos valores culturais e de manutenção e reprodução das tradições. No tocante a essa visão, Erbolato (apud FREITAS et al, 2002, p. 958) afirma que

“[...] Todas as culturas, a despeito das variações entre elas, têm papéis sociais e normas etárias aprendidos por meio da socialização. A Teoria dos Papéis, de Cottrell, de 1942, serviu aos gerontólogos como uma forma de avaliar o ajustamento ao processo de envelhecer, já que este aumenta as chances de perda de papéis sociais, requerendo a criação de novos papéis e/ou a modificação dos existentes. Essa perda, na velhice, que poderia teoricamente levar a prejuízos na auto-estima e na identidade social, não se mostrou tão ameaçadora. Resultados de pesquisas mostraram que os papéis sociais ficam mais ambíguos, que o conceito de papel pode mudar ao longo do tempo e que as pessoas mais velhas apresentam um grau considerável de criatividade e flexibilidade para lidar com esse fato.”

Por meio das lembranças de experiências passadas, por várias gerações, o idoso pode desempenhar um valioso papel no resgate, manutenção e reprodução de tradições, pois a memória constitui uma forma de preservação e retenção do tempo, salvando-o do esquecimento e da perda, em que a história e a memória, numa inter-relação dinâmica, são suportes das identidades individuais e coletivas. Fundamental na formação da identidade, seja individual, seja coletiva, a memória se torna imprescindível na construção da sociedade, pois contribui de forma efetiva para a definição de ações, posturas e comportamentos no presente e no futuro. Assim, as lembranças mantêm um vínculo entre a história e a comunidade. Esse fato colabora para despertar, em todos os envolvidos com o processo de convivência social, um sentimento de pertencer a um lugar em um determinado tempo. Essa percepção pode

fortalecer o comprometimento do indivíduo com a sociedade e o interesse por sua preservação (SOUZA, 1999).

Esse conjunto de ações e comportamentos traduzem o que chamamos de herança social ou cultura. Sua riqueza e seu conteúdo são repassados através dos tempos por grupos de indivíduos que formam as diferentes sociedades. Assim, a cultura de qualquer sociedade manifesta-se na organização de idéias, emoções condicionadas e formas de comportamento habitual que seus componentes adquiriram por instrução ou pela repetição de atos de que todos, em maior ou menor grau, participam, cada um com sua contribuição (LINTON,1939).

Nesse sentido, percebe-se que, por ocasião da Folia de Reis, um conjunto de ações, comportamentos, ritos e papéis se entrelaçam como elementos constitutivos da cultura local, que vêm se preservando ao longo dos anos. O papel social do idoso, nesse contexto, adquire importância fundamental no que tange à sua valorização na comunidade, o que impacta na sua auto-estima.

CAPÍTULO 2

TRADIÇÃO

De acordo com Giddens (2000), a palavra tradição vem do latim *tradere* e significa a transmissão, a confiança de repassar algo a futuras gerações. O vocábulo *tradere* foi inicialmente utilizado para se mencionar, de acordo com o direito romano, as leis que se relacionavam às heranças. Assim, um herdeiro, ao receber uma propriedade de sua família, tinha como obrigação protegê-la, pois, se foi dado a ele este bem, significava então, que era uma pessoa de total confiança.

O termo tradição, relacionado ao latim *tradere*, remete-nos à concepção inicial de sua existência remontar a tempos imemoriais. Contudo, seu uso efetivou-se há pouco mais de dois séculos, principalmente na Europa. Nesse sentido, Hobsbawn (2002) reforça que [...] muitas “tradições” que parecem ou são consideradas antigas são bastante recentes, quando não são inventadas. [...] Para o autor, uma das formas para explicar o significado de tradição pode estar na análise das tradições e costumes inventados. Esses se caracterizam por serem produzidos, ao invés de se desenvolverem. Por isso, não devem ter existido há muitos séculos.

Ainda a esse respeito, Hobsbawn (2002) afirma:

O termo “tradição inventada” é utilizado num sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as “tradições” realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgem de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo – às vezes coisa de poucos anos apenas – e se estabeleceram com enorme rapidez.

Conforme Hobsbawn (2002), essas “tradições inventadas” referem-se a um conjunto de experiências adequadas por regras implicitamente aceitas. Tais ações, com natureza ritual ou simbólica têm a função de inserir valores ou normas de procedimentos por meio da repetição, acarretando, assim, uma constante relação com o passado. É caracterizada pela

ligação não espontânea na qual uma classe, em certo momento, para a sua afirmação, utiliza o passado, a fim de acrescentar valores e normas de comportamento. Assim, nessas tradições, a história teria a capacidade de principiarem valores, os quais por se tornarem muito repetitivos, seriam analisados como imutáveis ou irreparáveis. Já as tradições construídas, e institucionalizadas “genuínas”, seriam espontâneas e existiriam desde tempos longínquos. Essas últimas se destacam por se ligarem ao período em que tais hábitos antigos se estabeleceram e a sociedade que a mantém está realmente ligada à origem que indica, em uma extensa continuidade de tempo, sem obstáculos para sua situação na sociedade. O autor destaca como exemplos, a escolha do estilo gótico na reconstrução da sede do Parlamento britânico do século XIX, ou a ostentação nas cerimônias públicas da realeza britânica, vistas como situações muito antigas, mas que, na verdade, datavam dos séculos XIX e XX.

Hobsbawn (2002) ainda diferencia tradição de costume e de rotina. Considera que a tradição se caracteriza pela invariabilidade de práticas fixas e repetidas – formalização e ritualização – nas quais há uma referência ao passado, mesmo que esse ocorra por meio da imposição da ritualização. Já no que se diz respeito ao costume, há uma mudança até certo ponto, não o tornando invariável, embora tenha que se parecer como era antes das inovações. Para o autor, a invenção de tradições é fundamentalmente um processo de formalização e ritualização, diferenciado por referir-se ao passado, mesmo por meio da imposição da repetição. Exemplo dessa diferença de costume e tradição pode ser observado com os juízes. O costume está no trabalho que exercem, enquanto a “tradição inventada” seria a peruca, a toga e outros acessórios e os rituais formais que cercam suas ações. Dessa forma, quando o costume entra em declínio, há uma modificação decisiva na “tradição” ao qual ele está geralmente relacionado. Afirma também que a rotina, por outro lado, não tem função simbólica ou ritual importante devido as suas justificativas serem de origem técnica (como o trabalho de um piloto de avião) e não ideológicas.

Os historiadores não sabem exatamente quando os processos rituais e simbólicos, característicos da invenção de tradições, foram instituídos. Supõe-se que tenham ocorrido de modo mais evidente quando a “tradição” era inventada e estruturada por apenas um único iniciador, como ratifica Hobsbawn (2002, p. 12):

[...] Talvez seja mais fácil determinar a origem do processo no caso de cerimoniais oficialmente instituídos e planejados, uma vez que provavelmente eles estarão bem documentados, como, por exemplo, a construção do simbolismo nazista e os comícios do partido em Nuremberg. [...]

Outro ponto de vista importante desse autor é relativo à frequência de onde tenha ocorrido a tradição. O que se acredita é que ela está associada às transformações da sociedade, alterando ou destruindo padrões sociais antigos. Esses que eram norteadores de antigas tradições foram substituídos por novos padrões, os quais se incorporaram à sociedade, transformando-se em novas tradições. Cabe ainda ressaltar que a I Guerra Mundial estabeleceu também um período muito marcante na invenção de novas tradições como, por exemplo, nas alterações das cores dos uniformes militares. A finalidade dessas mudanças seria o disfarce em operações de guerra mas, na realidade, significavam a preferência por determinados movimentos políticos. Além disso, houve a necessidade da transformação da sociedade, o que implicava em novas formas de governo, pois as formas tradicionais tornaram-se impraticáveis.

Analisando a abordagem de Hobsbawn (2002) a respeito de tradição percebe-se a complexidade de tal assunto, tanto que Giddens (2000) questiona algumas idéias de Hobsbawn, ao afirmar que não existem diferentes formas de tradição. Todas, não levando em consideração o passado a que se referiam, foram inventadas. Consoante essas idéias, Giddens (2000) ainda relata que:

[...] Nenhuma sociedade tradicional era inteiramente tradicional, e tradições e costumes foram inventados por uma diversidade de razões. Não deveríamos supor que a construção consciente de tradição é encontrada apenas no período moderno. Além disso, as tradições sempre incorporam poder,

quer tenham sido construídas de maneira deliberada ou não. Reis, imperadores, sacerdotes e outros vêm há muito inventando tradições que lhes convenham e que legitimem seu mando. [...]

Ainda nesse contexto, a idéia de que as tradições são indiferentes à mudança não é real. Elas transformam-se com o passar do tempo, podendo ser alteradas ou transformadas de forma bastante inesperada. Há exceções das tradições associadas às grandes religiões, que duram há centenas de anos sem que ocorram mudanças.

É importante destacar que as tradições estão sempre ligadas a grupos e comunidades. Elas diferem por instituírem um tipo de verdade que não é questionada pelo grupo que a pratica. Giddens (2000, p.57) reforça esse ponto de vista quando diz que

[...] Por mais que a tradição possa mudar, ela fornece uma estrutura para a ação que pode permanecer em grande parte não questionada. As tradições, em geral, têm guardiães – feiticeiros, sacerdotes, sábios. Guardiã não é o mesmo que especialista. Eles conquistam sua posição e poder graças ao fato de serem os únicos capazes de interpretar a verdade ritual da tradição. Somente eles são capazes de decifrar os verdadeiros significados dos textos sagrados ou dos outros símbolos envolvidos nos rituais comunais. [...]

Nesse sentido, de acordo com as abordagens dos autores Hobsbawn (2002) e Giddens (2000), considera-se que as tradições são fundamentais, uma vez que oferecem continuidade e forma à vida social, como é o caso da Folia de Reis. No entanto, é necessário enfatizar que a busca constante para o aumento dos limites dessas tradições também faz parte da vida, pois à medida que o papel da tradição se transforma, novas dinâmicas são introduzidas em nossas vidas, as quais apoiadas nos rituais, cerimoniais e repetições, têm importante papel social. Um exemplo disso, é a inclusão da mulher na festa estudada, a qual já se manifesta como parte da tradição estabelecida e que reflete as mudanças sociais contemporâneas.

CAPÍTULO 3

MEMÓRIA

Desde a Grécia Antiga, a memória já não se limitava à poesia, mas também poderia ser percebida na medicina, como se pode verificar nos escritos atribuídos a Hipócrates¹ (apud CHAUI, 2001):

“A vida é breve, a arte é longa, a ocasião escapa, o empirismo é perigoso e o raciocínio é difícil. É preciso não só fazer o que convém, mas também ser ajudado pelo paciente”.

Como a memória poderia ajudar o médico? Por meio das reminiscências, das lembranças, o médico induzia o paciente a lembrar de muitas situações, as quais antecederiam o momento de sua doença. Assim, seria possível a ele identificar diagnósticos e prescrever remédios ou dietas para a cura.

Segundo Chaui (2001), a memória seria representada por uma deusa grega, *Mnemosyne* (memória), mãe das Musas, as quais protegiam as Artes e a História. Ela daria aos poetas e adivinhos o poder de voltar ao passado e de lembrá-lo para a coletividade. Isso

¹ Nasceu no ano 460 a.C., na ilha de Cós, na Grécia e, segundo a história, pertencia a uma família de médicos. Universalmente venerado como o “Pai da Medicina”, ele é considerado o principal responsável pelo combate eficaz a uma epidemia de peste em Atenas. Seu feito, àquela época, fora perceber a importância de se incinerar todo o material infetado como forma de se prevenir a doença. Numa sociedade notoriamente dividida em classes e em que, principalmente uma delas - a dos escravos - era completamente desprovida de direitos, Hipócrates fez surgir regras para o exercício da medicina que estabelecem respeito pela vida humana, seja a de homens livres, escravos, mulheres ou crianças. Hipócrates se notabilizou, sobretudo, por defender a causalidade natural das doenças. Escreveu em *A Doença Sagrada*: “Nenhuma doença é mais humana ou mais divina do que as outras. Todas têm uma causa natural”. Rejeitou, assim, pela primeira vez, as concepções sobrenaturais das doenças.

traria a imortalidade aos seres, pois o artista ou historiador, ao registrar em suas obras rostos, gestos, atos e palavras de um ser humano, o tornaria inesquecível.

“Tão lendárias quanto as próprias Musas são as histórias relativas à origem da memória. Elas representam a engenhosidade da imaginação humana para traduzir, em termos concretos, os poderes criadores da mente. Acreditava-se que as Musas da memória inspiravam a verdade e assim os escritores invocavam a sua ajuda para não contar coisas falsas aos homens.”

Relembrar o passado é parte da vida de cada um e, provavelmente, se intensifica à medida que se envelhece. Com o transcorrer dos anos, as pessoas vão gravando na memória eventos, situações, vivências compondo um patrimônio de informações e valores culturais.

O conceito de memória é bastante complexo. O passado atua nas ações do presente de uma forma muito heterogênea. Bergson¹ (apud BOSI, 2004), estabelece dois tipos de memória.

O primeiro chamado de “memória-hábito”, relaciona-se a mecanismos motores, ou seja, a repetição contínua de gestos e palavras. Trata-se de um exercício que levado até sua fixação, transforma-se em hábito, uma ação para a vida cotidiana. Exemplos desse tipo de memória são os atos de dirigir um automóvel, de escrever, dos passos de uma dança, e inúmeros outros. Segundo Bosi (2004), “a memória-hábito faz parte de nosso adestramento cultural”.

¹A visão dos filósofos espiritualistas contemplam o lado não material como sendo o mais importante e verdadeiro. Henry Bergson (1859–1941) foi uma das grandes influências intelectuais no início do século XX. Em seus estudos ele deu primazia ao espírito, porém na presença do corpo e na existência da matéria. Sua doutrina definiu uma inteligência cerebral da razão, ou seja, o próprio intelecto, a influência do instinto e uma outra nobre capacidade do espírito humano, a intuição, que já vem pronta, sem que haja necessidade do pensar. Bergson foi um dos maiores filósofos espiritualistas e combateu o positivismo (ciência deve ser objetiva como a matemática e a física, livre de pressupostos ideológicos, sejam eles filosóficos ou religiosos) fundado por Auguste Comte. (SANTOS, s/d)

O outro tipo de memória, classificado como “memória pura” ou memória propriamente dita, não precisa ser repetido para se manter na lembrança. Ela traz à tona da consciência uma situação muito peculiar com palavras, gestos ou fatos únicos, não repetitivos, os quais são guardados por sua expressão afetiva, de intenso valor ou conhecimento. Guarda-se na memória fatos de maiores significados ou maiores impactos em nossas vidas, mesmo que seja algo de pequena duração ou que não ocorrerá novamente. Corresponde a um tipo de memória espontânea, que se mantém por força de algum acontecimento marcante.

No que se refere às exposições feitas por Bergson, Chauí (2001) avalia a memória como essencial no que diz respeito à formação das experiências e dos conhecimentos científicos, filosóficos, técnicos, podendo ser representado por escritos de Aristóteles: “é da memória que os homens derivam a experiência, pois as recordações repetidas da mesma coisa produzem o efeito duma única experiência”.

Em consonância com as proposições de Chauí (2001), Tonucci (s/d) descreve, em um de seus poemas, a relação da memória como forma de resgate do tempo:

“Quando um velho velha”,
O homem que ali vivia
Se empedra: perde a pluma
Da juventude, empluma
A pedra da saudade.
Mirra aquele rio mesmo
Que o trespassava desde feto.
Um velho quando velha
Parte a pedra da memória,
Reencontra a sua pluma
Mas não pode resgatá-la.
Cristal então conformado,

Robustece a sua geologia

E afunda no ar do tempo

A sua vida arredia.”

O poema nos remete a uma evocação do passado, o qual se revela na capacidade do ser humano em reter e guardar o tempo que se foi, resgatando-o da perda total. Isso se torna importante, pois fortalece e restitui o senso de identidade e auto-estima.

Durante muito tempo, acreditava-se que a tendência da lembrança do passado seria um dos principais pontos negativos para o envelhecimento, pois tornaria os idosos presos ao passado. Mais recentemente, médicos e profissionais da área de saúde passaram a reconhecer a importância das lembranças e dos seus benefícios para os idosos.

Conforme Souza (1999), o exercício da reminiscência aborda, no presente, fatos do passado, trazendo a possibilidade de reflexão sobre quem e o que somos. Tal reflexão permite diferentes formas de compreensão do futuro. Muitos consideram o passado como chave para o entendimento do presente e da preparação para o futuro.

Nessa perspectiva, o processo das lembranças é fundamental para a construção da cultura e da história de uma sociedade. Estabelecem um vínculo da história com a comunidade, promovendo o fortalecimento do indivíduo na sociedade e o interesse em sua manutenção.

Bosi (2004) afirma que uma das formas para análise da memória está no estudo das lembranças dos idosos. Nelas, observa-se uma história social desencadeada, pois não só passaram por certo tipo de sociedade, como também vivenciaram situações familiares e culturais específicas. Por isso, a memória do idoso é mais consistente, completa e rica em detalhes do que a do adulto a qual, de alguma forma, está absorvida nas atitudes de um presente que a utiliza muito mais do que uma pessoa de idade.

A análise da memória do idoso à luz da diferenciação feita por Bergson (apud BOSI, 2004) permite-nos afirmar que ela é pura, pois, ao se lembrar do passado, o idoso está se remetendo consciente e atentamente a sua própria história, como afirma Halbwachs¹ (apud BOSI, 2004):

“O velho não se contenta, em geral, de aguardar passivamente que as lembranças o despertem, ele procura precisá-las, ele interroga outros velhos, compulsiva seus velhos papéis, suas antigas cartas e, principalmente, conta aquilo de que se lembra quando não cuida de fixá-lo por escrito. Em suma, o velho se interessa pelo passado bem mais que o adulto, mas daí não se segue que esteja em condições de evocar mais lembranças desse passado do que quando era adulto, nem, sobretudo, que imagens antigas, sepultadas no inconsciente desde sua infância, ‘recobrem a força de transpor o limiar da consciência’ só então.”

Dessa forma, é importante destacar que a relação do idoso com suas reminiscências não deve ser vista apenas sob o aspecto das práticas melancólicas, as quais incentivam o apego ao passado. Por meio dessa relação o indivíduo estabelece, como já o afirmamos, o

¹Maurice Halbwachs (1877 - 1945) foi um sociólogo francês da escola durkheimiana. Escreveu uma tese sobre o nível de vida dos operários, e sua obra mais célebre é o estudo do conceito de memória coletiva, que ele criou. Na École Normale Supérieure, em Paris, estudou filosofia com Henri Bergson, o qual o influenciou enormemente. Lecionou em vários liceus antes de viajar à Alemanha em 1904, onde estudou na Universidade de Göttingen. Retornou à França em 1905, onde encontrou Émile Durkheim e se interessou por sociologia. Reuniu-se ao conselho editorial do *Année Sociologique*, onde trabalhou com François Simiand editando a seção de economia e estatística. Em 1909 voltou à Alemanha para estudar marxismo e economia em Berlim.

Durante a Primeira Guerra Mundial Halbwachs trabalhou no Ministério da Guerra. Logo após o fim da guerra ele tornou-se professor de sociologia e pedagogia na Universidade de Strasbourg. Manteve a posição por uma década. Foi professor visitante por um ano na Universidade de Chicago. Em 1935 foi chamado para a Sorbonne, onde ensinou sociologia, trabalhou com Marcel Mauss e foi editor dos *Annales de Sociologie*, o jornal que sucedeu o *Année Sociologique*. Em 1944 ele recebeu uma das maiores honrarias da França, uma cátedra de psicologia social no Collège de France. Desde muito tempo socialista, Halbwachs foi detido pela Gestapo após a ocupação nazista de Paris e deportado para Buchenwald, onde foi executado em 1945 (WIKIPÉDIA s/d).

alicerce para a compreensão do presente e a preparação do futuro.

É importante enfatizar que o idoso, muitas vezes, não é visto pela comunidade em que se insere como alguém ativo ou mesmo socialmente útil nos aspectos práticos de vida: fica aleijado profissionalmente, dependente da família muitas vezes até isolado do convívio social. A memória restitui-lhe a importância perdida, tendo em vista que o idoso passa a ter a função de lembrar, de ser responsável pela memória da família, de um grupo ou sociedade. Enfim,, o idoso começa a desempenhar outro papel, com a mesma importância do que fazia anteriormente, para a manutenção dessa sociedade. Consoante este raciocínio, Halbwachs (apud BOSI, 2004, p. 63) corrobora que:

“Nas tribos primitivas, os velhos são os guardiães das tradições, não só porque eles as receberam mais cedo que os outros, mas também porque só eles dispõem do lazer necessário para fixar seus pormenores ao longo de conversações com os outros velhos, e para ensiná-los aos jovens a partir da iniciação. Em nossas sociedades, também estimamos um velho, porque, tendo vivido muito tempo, ele tem muita experiência e está carregado de lembranças. Como, então, os homens idosos não se interessariam apaixonadamente por esse passado, tesouro comum de que se constituíram depositários, e não se esforçariam por preencher, em plena consciência, a função que lhes confere o único prestígio que possam pretender daí em diante?”

Assim, recuperar o passado individual e coletivo, por meio da memória como procedimento de análise, configura-se uma das principais formas para a ampla abordagem dos processos de mudanças sociais e culturais e, conseqüentemente, uma revisão dos conceitos da idealização a que remetem o passado, presente e futuro.

Nesse estudo, a memória dos idosos envolvidos na Folia de Reis adquire importância fundamental por contribuir efetivamente para a manutenção da tradição e do ritual que a representa, bem como contribui para a melhora da auto-estima deles a partir do valor social implícito na sua participação nos festejos.

CAPÍTULO 4

“SOMOS O QUE FESTEJAMOS”:

AS FESTAS COMO PROCESSOS SÓCIO - CULTURAIS.

As festas estão presentes na vida dos seres humanos nos mais diferentes momentos e traduzem, entre outras coisas, sua necessidade de interação e integração social. Nesse sentido, elas se constituem em uma das manifestações coletivas mais antigas da sociedade, inserindo-se nos costumes de vários povos como expressões coletivas que são repassadas de geração a geração ao longo dos séculos. De acordo com Itani (2003), não há determinação exata do início das festas. Registros históricos mais antigos associam-nas à celebração de deuses ou a formas de explicar e homenagear a natureza e contam com mais de dez mil anos de existência. Consoante este raciocínio, Itani (2003, p. 17) afirma ainda que:

“A festa surge como uma comemoração coletiva, celebrando a esperança de um tempo bom para a plantação, como uma busca incessante de domínio do tempo sobre o espaço da produção agrícola. Os ritos de celebração das colheitas aparecem nas civilizações mais antigas para comemorar os frutos do trabalho, servindo de oferenda e agradecimento e, ao mesmo tempo, como uma manifestação de regozijo coletivo”.

Por meio de suas festas tradicionais, os grupos sociais se aglutinam, inicialmente, para pedir aos deuses proteção e colheitas fartas. Com o cristianismo, a Igreja transformou vários rituais pagãos em homenagens aos santos. A respeito do surgimento da festa, Itani (2003) afirma ainda que ela se dava como uma prática costumeira de comemoração, distinguindo o tempo do trabalho daquele do não-trabalho. Tal prática se constituía numa forma de apropriação pelas comunidades de seu próprio tempo. Segundo DaMatta (1984, p. 67), “Vivemos sempre entre esses momentos (trabalho e prazer), como passageiros que estão saindo de um evento rotineiro para a ocorrência fora do comum que, por sua vez, logo

pode tornar-se novamente rotineira e fazer parte da paisagem do nosso irreflexivo cotidiano.”

Nesse contexto, Assumpção (s/d) afirma que as festas, como tradição popular, trazem à tona a coletividade e guardam relação com o sagrado e o religioso. Nelas, são estreitadas as relações entre ritual e comportamento comunicativo. Assim, por meio de ritos, celebra-se uma solidariedade social transcendental, em que são projetados desejos de união, autoestima, integração e prazer.

A esse respeito, DaMatta (1984, p. 81) afirma que [...] todas as festas – ou ocasiões extraordinárias – recriam ou resgatam o tempo, o espaço e as relações sociais. Nelas, aquilo que passa despercebido, ou nem mesmo é visto como algo digno de reflexão, estudo ou desprezo no cotidiano, é ressaltado e realçado, alcançando um plano divino.[...]

Itani (2003, p.7-8), a respeito desta concepção sobre as festas e suas implicações, diz que:

“A festa é um fato social, histórico e político. Ela constitui o momento e o espaço da celebração, da brincadeira, dos jogos, da música e da dança. Celebra a vida e a criação do mundo. Constitui espaço de produção dos discursos e dos significados e, por isso, também dessa criação na qual as comunidades partilham experiências coletivas. Ela representa, igualmente, o momento de experiência prazerosa dessa convivência coletiva. A produção da festividade é, ainda, a composição de momentos do brincar com a experiência ritual da memória coletiva, da vivência com o passado e o presente, com a cerimônia e com as brincadeiras”.

As festas, como manifestações culturais, permitem a invenção de uma ordem simbólica que lhe é peculiar e que muitas vezes extrapola as normas e relações cotidianas. As festas operam o encantamento das relações sociais, criando vínculos de simpatia- atração a partir de rituais próprios que se revestem da simbolização de um evento, de uma ação, de um objeto e/ou de um indivíduo. Segundo Assumpção (s/d), ela é um momento especial em que são transgredidas as regras da vida cotidiana, as hierarquias são esquecidas e as pessoas ganham expressividade e entusiasmo. Corresponde a um tempo consagrado a uma

multiplicidade de atividades coletivas com função expressiva que revelam o conflito entre as exigências de uma “vida séria” e a própria natureza humana. Nas festas, por determinados momentos, os indivíduos ficam afastados de sua vida cotidiana (com regras, ações repetitivas) para se encontrarem em um mundo “mais livre”, onde sua imaginação e seus desejos ficam mais à vontade.

Para Duvignaud (1983, p. 69), nas festas há a capacidade de acionar situações que animam vários sentidos que não são comuns à vida diária. As festas eliminam diversas formas de regulamentação, pois as destroem ao colocar o homem frente a um universo simbólico.

[...] A festa é tudo isso, quer utilizando provisoriamente os signos coletivos ou as classificações consagradas e, destarte, aproximando-se das cerimônias rituais, quer colocando-se, de passagem, ao serviço de um poder, quer atingindo o transe, o êxtase, quer tornando-se a festa privada dos corpos e das volúpias. Ela destrói ou abole, em sua vigência, as representações, os códigos, as normas por meio dos quais as sociedades se defendem contra a agressão natural. Ela contempla, com estupor e alegria, o acasalamento do deus com o homem, do “Eu” e do “super-ego”, em uma exaltação na qual todos os sinais aceitos são falsificados, confundidos, destruídos [...]

A festa é, portanto, um momento especial em que, de certa forma, saímos da monotonia diária e da rotina do trabalho. É o momento no qual o indivíduo tem a possibilidade de recarregar suas energias e fortalecer o sentimento grupal. Durkheim (*apud* Assumpção s/d.), ratifica essa idéia:

[...] toda festa, mesmo que puramente leiga por suas origens, tem certos traços de cerimônia religiosa, pois sempre tem por efeito aproximar os indivíduos, pôr em movimento as massas e suscitar, assim, um estado de efervescência, às vezes até transportado para fora de si, distraído de suas ocupações e de suas preocupações ordinárias. Por isso, observam-se em ambos os casos as mesmas manifestações: gritos, cantos, música, movimentos violentos, danças, busca de estimulantes que elevem o nível vital, etc. Foi assinalado com freqüência que as festas populares levam aos excessos, fazem perder de vista o limite que separa o lícito do ilícito; também há cerimônias religiosas que determinam como que uma necessidade de violar as regras, ordinariamente as mais respeitadas.

Segundo Duvignaud (1983), a festa evidencia a capacidade que todos os grupos humanos têm de se libertarem de si mesmos e de enfrentarem uma diferença radical em relação ao mundo cotidiano. O indivíduo passa a ser dominado pelo coletivo. É nas festas que a energia coletiva atinge o seu ápice, o momento de maior excitação de seus participantes. Ela altera as condutas rotineiras e as sensações se tornam mais intensas, as paixões mais explícitas e as energias vitais mais vivas. Contribuem ainda para o aumento das sensações, elementos presentes em todas as festas: músicas em alto volume, bebidas, comidas específicas, danças, sensualidade, etc.

João Guimarães Rosa, em sua obra *Manuelzão e Miguilim* (1984), também reforça a importância de festas tradicionais folclóricas para o bem estar social e a manutenção dos costumes. É perceptível na narrativa a expectativa geral em torno da proximidade da festa, a sua relevância para o povo, a definição dos papéis sociais dos envolvidos (papéis femininos e masculinos), como também a valorização do sagrado.

“[...] Mas não bastava. Carecia de sagração, a missa. A festa, uma festa! Por si, ele nunca dera uma festa. Talvez mesmo nunca tivesse apreciado uma festa completa. Manuelzão, em sua vida, nunca tinha parado, não tinha descansado os gênios, seguir um movimento só. Agora, ei, esperava alguma coisa.

Por tudo, mesmo sem precisão, ele não saía de cima do cavalo – estava com um machucão no pé – indo e vindo da capela, sol a sol vinte vezes, dez vezes, acompanhado sempre pelo rapazinho Promitivo. Não esbarrava. Não sabia de esforço por metade. Vai agorinha, um exemplo, deixava as mulheres na arrumação e tocava para a Casa, a ver a chegada de mais povo. Ativo e quieto, Manuelzão ali à porta se entusiasmava, público como uma árvore, em sua definitiva ostentação.

Embora dois dias para a véspera ainda faltassem, pessoas de fora já eram em número. Gente de surrão e bordão, figuras de romaria. Alguns, tão estranhos, que antes de apeiar do cavalo invocavam em alta voz o louvor a Cristo-Jesus e esperavam de olhos quase fechados o convite para entrar com toda paz e mão irmã na hospitalidade geral. [...]”

Segundo Saraiva e Silva (2002), “os festejos merecem destaque por representarem mudança, por modificarem o espaço e o tempo nas comunidades. Em algumas delas, temos

características mais visíveis dessas mudanças, como a construção de novas igrejas e a criação de espaços próprios para o santo padroeiro.” Da mesma forma, ocorre com as festas a que DaMatta (1984) chama de “rituais de desordem”, como o carnaval, em que são construídos sambódromos.

Duvignaud (1983, p.68) amplia esse conceito para todo e qualquer espaço do qual a festa se apodera:

“A rua, os pátios, as praças, tudo serve para o encontro de pessoas fora das suas condições e do papel que desempenham em uma coletividade organizada. Então, a empatia ou a proximidade constituem os suportes de uma experiência que acentua intensamente as relações emocionais e os contatos afetivos, que multiplica ao infinito as comunicações, e efetua, repentinamente, uma abertura recíproca entre as consciências [...].”

Além da questão do espaço, Abreu (1999, p.38) nos chama atenção para a identidade nacional que se constrói a partir das festas populares:

“Do senso comum à produção acadêmica, passando pela literatura, relatos de época e de viajantes estrangeiros, é forte a tendência de se considerar a festa, no Brasil, mais costumeiramente a festa carnavalesca, como o local do encontro, mistura e comunhão entre todas as etnias e classes sociais – base importante do que seria a marca singular e positiva da nacionalidade brasileira. Sem entrar no mérito do sentido ideológico, ou não, desta recente versão da identidade nacional, as imagens da festa associadas à marca de um povo são constantemente veiculadas e acionadas em diferentes espaços sociais [...].”

Por fim, é preciso destacar que, de acordo com Itani (2003, p. 15), a festa como fenômeno coletivo:

“[...] acompanha também as funções das instituições sociais na medida em que marca modalidades da vida cotidiana, como nascimento, casamento etc. Para compreender ao longo da história, é preciso, portanto, ver o seu conteúdo pelo seu significado ou pelo sentido sagrado atribuído pelos povos em diferentes momentos e lugares. Quando se festeja, o conteúdo humano é celebrado por meio da esperança que as comunidades depositam na luta pela liberdade. No conteúdo histórico

das festas, pode-se ver o humano do ser em sua criação, em seus costumes, símbolos e suas crenças, pelos seus ritos, seus cantos, suas músicas e danças”.

Nesse contexto de coletividade, tais eventos pressupõem não só a presença de um grupo, mas também, sua participação. Assim, Jean Duvignaud (1983) definindo o conceito de festa, propõe uma classificação que confirma a participação como elemento imprescindível a ela, permitindo dividi-la em duas formas: festas de participação e festas de representação, como se pode ver seguir:

Festas de participação

São festas em que a comunidade participa de cerimônias públicas. Os participantes têm consciência do papel que ali representam, assim como dos símbolos e rituais utilizados. As festas religiosas e o carnaval são exemplos desse tipo.

Festas de representação

São festas que apresentam “atores” e “espectadores”. Os atores, em número restrito, ou não atuam diretamente da festa organizada para os espectadores que participam indiretamente do evento a que atribuem uma dada significação e pela qual são mais ou menos afetados. Festas como o Círio de Nazaré e o São João nordestino são exemplos típicos dessas festas quando são apreciadas por um público em nível nacional, pois são transmitidas para todo o país por meio da televisão.

Essa diferenciação feita por Jean Duvignaud (1983) para festas mostra a idéia da sua transformação na sociedade desde a Antiguidade até nos dias atuais, pois à medida que se introduzem novos elementos culturais à sociedade, ela se torna mais complexa e, juntamente com a diferença de classes, faz com que seu papel se modifique (AMARAL, 1998).

Pelas dimensões continentais do Brasil, as festas se diferenciam de região para região: é o Círio de Nazaré, a Festa de Nossa Senhora Aparecida, o carnaval, a Festa do

Divino, a Festa de São Sebastião, a Folia de Reis e inúmeras outras. Dedicaremos ao estudo da Folia de Reis.

A Folia de Reis pode ser considerada, na classificação de Duvignaud, como festa de participação, exatamente por permitir a participação efetiva da comunidade que, ao rememorar o caminho percorrido pelo Reis Magos para visitar o Menino Jesus, abrem as portas de suas casas aos foliões, cujos papéis estão pré-definidos.

CAPÍTULO 5

RITUAIS

O ritual é um momento especial para seus participantes por propiciar sua entrada e aceitação como membro de fato de um determinado grupo social.

Os rituais correspondem a um sistema de comunicação simbólica, são constituídos por seqüências ordenadas e padronizadas de palavras e/ou ações que revelam um tipo de linguagem e uma forma peculiar de dizer as coisas. Expressam concepções e valores sociais, religiosos, políticos, econômicos significativos para a sociedade que os pratica. Essas seqüências têm conteúdo e arranjo caracterizados por graus variados de formalidade (convencionalidade), estereotipia (rigidez), condensação (fusão) e redundância (repetição) (PEIRANO: 2003).

Vários autores - Turner (1974), Van Gennep (1978), Rivière (1996) e Peirano (2003) confirmam, sob diferentes pontos de vista, a concepção de que o ritual não possui formas rígidas e absolutas. Geralmente associa-se a um conjunto de condutas individuais ou coletivas relativamente codificadas com base corporal (verbal, gestual ou postural) que apresenta caráter mais ou menos repetitivo, impregnado de conteúdo simbólico. Representa nos pensamentos e nas ações, a diversidade cultural de um grupo ou de uma sociedade.

Van Gennep (1978) utilizou o termo “Ritos de Passagem” para descrever as três fases do ritual, em que se dá a passagem de um estado ou de uma condição, culturalmente definido, para outro. Estas fases são denominadas pelo autor como separação, margem e agregação.

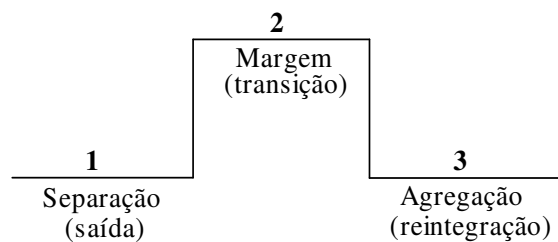
Na etapa de separação, o indivíduo sai de uma sociedade e seu status será mudado. Ele é, primeiramente, afastado do contato diário. São exemplos de partida ritual, a saída de

um de grupo de meninos da tribo dos Xavantes¹ que passam o período de sua iniciação fora de sua aldeia, e também a reclusão das meninas que ocorre com a sua primeira menstruação. Tais situações ilustram o momento de desagregação.

A segunda etapa - margem ou liminar - refere-se ao momento em que o indivíduo se encontra em estado “suspense”. Corresponde a um período de espera, de afastamento de seus contatos sociais cotidianos. Este período permite a transição no qual o transitante apresenta características ambíguas, pois se encontra em passagem de um domínio cultural com poucos (ou quase nenhum) atributos do passado para um novo estado. Essa etapa significa a perda da situação anterior e expectativa de possibilidades futuras (ainda incertas), mas com algum grau de garantia.

Finalmente, na fase de agregação, o novo status é formalmente confirmado, representando o reconhecimento social da nova posição. É o momento em que o sujeito ritual afirma sua identidade, comungando da mesma situação daqueles pertencentes ao novo grupo.

O esquema a seguir ilustra as três fases anteriormente descritas:



¹ Tribo indígena brasileira que habita a Serra do Roncador, no Mato Grosso. Outras denominações da tribo são: "Auwe" (autodenominação), "Awen", "Akwe" e "Akwen".

5.1. Função social dos rituais

O ritual é um sistema de ações simbólicas, socialmente padronizadas e repetitivas com a função de definir, difundir e revitalizar símbolos, valores e comportamentos. Evidencia um processo de transformação e de continuidade cultural. Corresponde também a um processo de produção de sentido que exprime experiências vividas e integra aspectos cognitivos e afetivos (PEIRANO, 2003).

A comunidade, por intermédio dos rituais, afirma sua etnia, sua cultura, seus valores, seus costumes e suas histórias, contribuindo, assim, para a manutenção da coesão grupal. Nos rituais, os participantes trocam experiências comunicativas simultaneamente por meio de vários canais sensoriais com o objetivo de representarem uma seqüência ordenada de fatos metafóricos dentro de um espaço territorial, o qual foi organizado para fornecer um conteúdo simbólico à execução. Os rituais são vivenciados não como uma questão de costume, a qual se passa de pai para filho de forma individual ou em famílias isoladas, mas como uma questão de sobrevivência da comunidade. O ritual tem o efeito, a longo prazo, de manter e reproduzir as funções essenciais de um grupo social (TURNER, 1974).

5.2. Tipos de rituais

Os rituais são ricos em simbolismos, carregados de sentidos múltiplos e simultâneos que refletem o imaginário cultural e afetivo dos participantes. Os rituais permitem conhecer o mundo, criando um outro análogo a ele. Desta feita, obedecem a uma classificação bastante ampla, descrita por Fiamenghi (2005), conforme os objetivos almejados:

Rituais de confirmação

São rituais realizados tendo em vista toda uma comunidade. São também chamados de ritos anuais e relacionam-se com o funcionamento contínuo e satisfatório tanto da ordem

natural quanto da social. Há uma preocupação, por parte de seus participantes, das atribuições que lhe foram dadas para a realização da cerimônia, pois sua continuidade nessa função está relacionada ao seu perfeito desempenho diante da comunidade.

Rituais de celebração

Homenageiam pessoas que foram bem-sucedidas em alguma situação específica ou simplesmente expressam amor e carinho. Objetivam comemorar o que é positivo e permitem uma conexão dos indivíduos com um senso de humanidade através do tempo, favorecendo as lembranças felizes. Rituais desse tipo são os aniversários, os nascimentos, os casamentos, as promoções, as aquisições pessoais significativas.

Rituais de libertação

São os rituais que permitem aos indivíduos o desvencilhamento de emoções dolorosas, favorecendo a sensação de proximidade e compartilhamento. São motivações para o uso de tais rituais: a necessidade de perdão, reconciliação ou superação de eventos traumáticos com a morte. Podem ainda ter como objetivo apaziguar as almas dos mortos ou suplicar a interveniência divina para os que dela necessitarem para se livrar de obscuras áreas de horror.

Rituais de transformação

Esses rituais auxiliam o indivíduo em momentos de transição, ajudando-o a superar fases antigas e a iniciar novas. Um exemplo desse tipo de ritual é a celebração, em algumas sociedades, da passagem de adolescência para a idade adulta.

Rituais de Iniciação

São ocasiões em que um novo membro aprende novos significados veiculados por determinado grupo. Normalmente encena-se um drama de ressurgimento, no qual o iniciado tem o papel principal. A idéia é induzir o novo membro a um renascimento da consciência. Existem muitos níveis de iniciação, variando conforme o conhecimento do iniciado e, a cada nível, pode ser marcada uma nova cerimônia. Tais cerimônias, quando em níveis muito elevados, costumam ser realizadas em um templo especial.

Rituais de Exploração

Esses rituais dão continuidade ou incorporam a técnica da imaginação ativa, conhecida como viagem astral ou a concentração sobre uma visão espiritual. Em geral, incluem uma cerimônia formal de abertura e encerramento, com algum trabalho original, em sua parte central que não costuma ser preparado antes. Esse trabalho pode ser uma meditação em grupo ou individual, que por ser feita na atmosfera mais elevada das condições rituais, geralmente, é mais proveitosa que a meditação informal (e individual, muitas vezes).

A Folia de Reis se configura num momento crucial para a manutenção dos valores culturais e religiosos presentes na comunidade de Patos de Minas-MG, os quais se perpetuam a partir dos rituais festivos vivenciados por boa parte da sua população. De acordo com a classificação apresentada por Fiamenghi, a Folia de Reis reflete o imaginário coletivo, no que diz respeito aos aspectos sociais e religiosos como um ritual de confirmação que se repete anualmente.

CAPÍTULO 6

A FOLIA DE REIS NO BRASIL

6.1. Origem

Desde o início da Era Cristã, comemora-se com festas o nascimento de Jesus Cristo. Tais festas sofreram regulamentação no ano 138 pelo Papa São Telésforo, nono sucessor de São Pedro, pois não havia uma data fixa; os festejos eram realizados nos meses de janeiro ou abril. Foi somente com o Papa Julio I que, no ano de 376, a data de 25 de dezembro foi fixada para a celebração do Natal. Cem anos mais tarde, foi permitido aos sacerdotes rezarem três missas nesse dia, sendo a primeira à meia-noite, a qual veio a ser popularmente denominada “Missa do Galo” (ARAUJO, 1949).

A partir do ano 600, os Autos foram introduzidos pelo Papa São Gregório nas missas de Páscoa, Corpus Christi e nas Epifanias. Os Autos consistiam em momentos onde se celebravam pequenas peças teatrais, quando personagens encenavam e dançavam no intuito de representar a adoração dos Reis Magos ao Menino Jesus (LAUER, 2003).

Segundo Lauer (2003), o termo folia surgiu primeiramente em Portugal, nos séculos XVI e XVII e caracterizava-se por manifestações de homens vestidos com roupas típicas de Portugal, os quais carregavam gaitas, pandeiros, guizos nos artelhos e tambores, entoando cantigas que relatavam a história dos Reis Magos.

No Brasil, o início da Folia de Reis está relacionado à chegada da família real portuguesa, que manteve o caráter religioso da festividade, utilizando a dança, o teatro e os cortejos rituais peregrinatórios, para encenar o caminho feito pelos Reis Magos. Em decorrência da repercussão desta festa, seja por seu caráter cultural ou religioso, os foliões

adquiriram significativo reconhecimento, na comunidade em que se inseriam. Desta feita, passaram a ser merecedores de simpatia, cordialidade e respeito dos visitados.

6.2. Os Reis Magos

Conforme o Evangelho de São Mateus (2, 1-12) a origem dos Reis Magos é assim relatada:

“Tendo Jesus nascido em Belém da Judéia, no tempo do rei Herodes, eis que uns magos do Oriente chegaram a Jerusalém, e perguntaram: Onde está o recém-nascido rei dos Judeus? Pois viemos prestar-lhe homenagem. Quando ouviu isso, o rei Herodes ficou perturbado e, com ele, toda Jerusalém. Tendo reunido todos os sacerdotes-chefes e mestres da lei, perguntava a eles onde o Cristo deveria nascer. Em Belém de Judá, responderam eles, pois assim foi escrito pelo profeta:

E tu, Belém, terra de Judá, de modo nenhum és a menos importante dentre as sedes distritais de Judá, porque é de ti que sairá o chefe que guiará Israel, meu povo.

Então, Herodes chamou os magos para uma reunião secreta, e investigou o tempo exato do aparecimento da estrela. Mandou-os, então, a Belém, recomendando: Ide. Informai-vos cuidadosamente acerca do menino, e comunicai-me tão logo o encontrardes, para que eu também vá prestar-lhe homenagem. Depois que o rei assim lhes ordenou, partiram. E sucedeu que a estrela – que tinham visto no Oriente – os precedia, até que foi parar sobre o lugar onde se achava o menino. Quando viram a estrela, sentiram uma grandíssima alegria. Entrando na casa, viram o menino com Maria, sua mãe e prostrados, lhe prestaram homenagem. A seguir, abrindo seus cofres, ofereceram-lhe de presente ouro, incenso e mirra. Avisados por Deus em sonho, para que não voltassem para junto de Herodes, regressaram a seu país por outro caminho.”

De acordo com o Evangelho de São Mateus não há um relato preciso sobre a origem dos Reis Magos. Ele menciona apenas que vieram do Oriente. O historiador grego Heródoto

de Halicarnasso⁽¹⁾, em seus escritos, faz referência à palavra “*magos*”(nos textos a referida palavra é *magoi* e vem do plural), nome dado a uma casta de sacerdotes eruditos, estudiosos dos livros sagrados e observadores do céu. Habitavam a região de Média, na Pérsia (atual Irã). Acreditava-se que uma grande parte da Pérsia seguia a religião zoroastriana, fundada por Zaratustra⁽²⁾ há mais de 3.500 anos. Esta religião apresentava tradições messiânicas e possuía como doutrina idéias de dualismo moral, como céu e inferno, semelhantes às da religião judaica. Assim, considerava-se que os magos poderiam ser espécies de sacerdotes astrólogos de alguns povos, como os caldeus⁽³⁾, persas⁽⁴⁾ e os medos⁽⁵⁾.

Segundo Pedroso (2003), a designação de “*reis*” para os Magos foi relatada nos escritos de um intelectual conhecido como São Beda⁽⁶⁾ o qual fez referência de Reis adoradores de Deus no livro dos Salmos (71, 10-12):

¹ Historiador grego, nascido no século V a.C. (485 a.C.? – 420 a.C.) em Halicarnasso (atualmente Bodrum, na Turquia). Foi o autor da história da invasão persa da Grécia nos princípios do século V a.C., conhecida simplesmente como *As Histórias de Heródoto*.

² Zaratustra ou Zoroastro, fundador da religião persa, foi um profeta ariano que por volta de 600 a.C. pregou a existência do Bem e do Mal como entidades distintas e totalmente antagônicas (VOLTAIRE,2006).

³ Povos que viviam na região sul da Mesopotâmia, principalmente na margem oriental do rio Eufrates (WIKIPÉDIA, s/d).

⁴ Povos que descendem dos arianos, indo-europeus que migraram para a região da Pérsia a partir da Ásia Central, no início do primeiro milênio a.C. (WIKIPÉDIA, s/d).

⁵ Povos de origem ariana que migraram da Ásia Central no início do terceiro milênio a.C. Assentaram-se na região noroeste da Pérsia, chamada Média (WIKIPÉDIA, s/d).

⁶ Monge anglo-saxão do mosteiro de Jarrow, na Nortúmbria, nascido no ano 672 e falecido no ano de 735. Logo após sua morte, foi canonizado pela Igreja da Inglaterra quando esta se separou da Igreja Católica, no século XVI (WIKIPÉDIA, s/d).

“[...] Os reis de Tarsis e das ilhas lhe trarão presentes; os reis da Arábia e de Sabá oferecer-lhe-ão seus dons. Todos os reis hão de adorá-lo, hão de servi-lo todas as nações, porque ele livrará o infeliz que o invoca, e o miserável que não tem amparo.[...]”

Devido à alusão aos reis de Tarsis e das ilhas no Salmo acima citado, São Beda, em seus escritos, relata que a partir do século VIII surgiu naturalmente a crença que os magos do Evangelho também seriam reis.

São Beda também citou que o número de Reis Magos seriam três, os quais ofertariam ao Menino Jesus três presentes: ouro, incenso e mirra. Assim, com o decorrer dos tempos, formou-se a crença que seriam os Três Reis Magos (PEDROSO, 2003).

No que diz respeito ao nome de cada um dos Três Reis Magos, Pedroso (2003), menciona que eles representam virtudes cristãs. “Gaspar” significa “*aquele que vai inspecionar*” e em suas vestes há um manto de cor amarela, por ter ofertado ouro ao Menino Jesus. Já “Melquior”, ou “Belquior”, significa “*meu Rei é Luz*” e em suas vestes há um manto de cor verde ou roxa, o qual simbolizava a esperança, a fé e simplicidade, pois ofertou incenso ao Menino Jesus, o que caracterizava Jesus como verdadeiro Deus. Por fim, “Baltazar” que representa “*Deus manifesta o Rei*”, tem em suas vestes um manto vermelho. Ofereceu mirra ao Menino Jesus para simbolizar seu reconhecimento como verdadeiro homem.

Ainda em relação ao significado dos nomes dos Três Reis Magos, Bezerra (2006) afirma:

“Gaspar, riquíssimo, doou ouro e veste manto amarelo. Baltazar ofereceu incenso, sinal que gostava de ser incensado, adulado; usa manto vermelho, símbolo psicológico do homem orgulhoso e vaidoso. Melquior, o humilde, usa o símbolo da humanidade de Jesus, ofereceu mirra; usa manto roxo, e às vezes verde, simbolizando a esperança do povo por salvação.”

6.3. O nascimento do Menino Jesus e os Reis Magos

José e Maria (pais de Jesus) entraram em um pasto e encontraram uma cocheira. À meia-noite ela deu a luz. Colocou o Menino no cocho, onde os animais comiam. Esse fato deu início ao que mais tarde representaria o corpo Jesus para nos suprir espiritualmente, no momento da comunhão.

Quando Jesus nasceu, surgiu no firmamento uma cruz onde estava escrito: “Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade”. O Anjo Glória segura uma faixa com esses dizeres.

Fazia frio. A vaca e a jumenta começaram a bafejar sobre o Menino para aquecê-lo, e por isso foram abençoadas. Uma raposa foi ao rio, banhou-se para tirar o mau cheiro e veio oferecer seu leite a Maria para alimentar o Menino. Ela agradeceu e abençoou-a, dizendo que ela pariria sem dor.

Uma estrela brilhou no Oriente. Os pastores que estavam cuidando de suas ovelhas, vendo os raios de luz cair sobre a manjedoura, para lá se foram. Dois deles tocavam seus instrumentos e um terceiro levava um cordeirinho de presente. Este pastor era Dimas, o bom ladrão que, mais tarde, veio a morrer ao lado de Jesus Cristo.

Os animais que aparecem no presépio são abençoados, com exceção do burro e do cabrito. Este porque não acreditou no nascimento do Salvador e aquele por ter pastado a grama do estábulo.

A estrela que brilhou no Oriente foi o sinal dado aos Três Reis Magos. Estes, exímios em astrologia, quando a viram, entenderam imediatamente seu significado. Puseram-se a caminho.

6.4. Características gerais da Folia de Reis

No Brasil, comemora-se a Folia de Reis no período de 24 de dezembro a 6 de janeiro, quando um grupo de cantadores e instrumentistas, conhecidos como foliões, visita vários lares, cantando e exaltando o nascimento do Menino Jesus e a adoração dos três Reis Magos por ele. O início da celebração acontece na noite de Natal, simbolizando o momento em que os Reis Magos teriam recebido o aviso do nascimento de Jesus e se dirigido a Belém.

A festa organiza-se a partir de uma devoção comum, propiciando a integração do sagrado (representado pelos foliões) com seus devotos (representado pelos visitados). Nesse sentido, os cantos, danças, gestos devocionais e situações cerimoniais permitem a concretização do fervor religioso dos participantes.

A Folia de Reis foi estudada por vários autores no Brasil. Araújo (1949) a divide em dois tipos: a que canta na cidade é denominada de FOLIA DE REIS DE BANDA DE MÚSICA que inicia seus cantos logo após as 22 horas ou assim que os foliões tenham certeza de que os moradores das casas onde irão cantar já estejam dormindo. Esse grupo é composto por aproximadamente 15 pessoas. Em algumas vezes, quando a Folia encerra suas atividades no dia 6 de janeiro, o grupo pode sair todas as noites, a partir da noite de Natal até a noite de Reis. Por outro lado, quando os foliões, por algum motivo, não podem sair, suas atividades vão até o dia 2 de fevereiro, saindo então nas noites de sábado, e nas de véspera de dia santo.

O outro tipo de Folia analisado é conhecido como FOLIA DE REIS DE CAIXA. O grupo de foliões inicia geralmente seus cantos logo após o anoitecer. Esse grupo não apresenta um número específico de componentes, mas ele deve ser composto por, no mínimo, dois violeiros, um tocador de caixa (instrumento de percussão), um tocador de pandeiro, o mestre e o alferes da bandeira.

6.5. Componentes

Foliões

As pessoas que participam da folia, cantando ou tocando algum instrumento são chamadas, em conjunto, de foliões. Não há um número específico, embora o mais comum sejam folias com dez ou vinte participantes. Quando apresentam um número muito grande de foliões é comum à presença de um fiscal para organizar as posições e instrumentos de cada um durante a folia (CASTRO e COUTO, 1955).

Mestre

É o líder do grupo de foliões e responsável por todas as decisões a serem tomadas para a realização da folia. Determina o percurso, os cânticos, a posição dos foliões, o tempo em cada casa visitada, os gastos com compras ou conserto dos instrumentos, a confecção da bandeira. Para evitar imprevistos, toda e qualquer proposta de mudança deve ser comunicada ao mestre que definirá sobre sua coerência e/ou necessidade (CASTRO e COUTO, 1955).

Alferes da bandeira

Também chamado bandeirista, bandeireiro ou simplesmente alferes, é o folião que tem a responsabilidade de carregar respeitosamente a bandeira da folia, apresentando-a ao dono da casa visitada, e receber os donativos oferecidos pela família. O alferes é escolhido pelo mestre e geralmente é um folião que fez uma promessa de participar na folia para receber uma graça (CASTRO e COUTO, 1955).

Músicos

Todo folião toca um instrumento e participa, na maioria das vezes, como segunda voz nos cânticos, que são iniciados pelo mestre. Os músicos posicionam-se em marcha. À frente vêm aqueles que tocam os instrumentos de corda e a sanfona. Por último, vêm os percussionistas. O mestre inicia os cânticos a partir do toque da sanfona. O bumbo dá o ritmo característico da folia, marcando as exclamações vigorosas no fim de cada estrofe. O triângulo, associado às batidas do bumbo, determinam o ritmo e a melodia. Os instrumentos mais comuns são a viola, o cavaquinho, a caixa, o triângulo, o pandeiro, também chamado de adufe, o bumbo e a sanfona. Os músicos também são cantores e a maior parte acompanha o mestre como segunda voz, enquanto os outros pronunciam a exclamação “ai!” em tom choroso, sofrido e melancólico com que se inicia e termina cada estrofe dos cânticos. O esforço exigido das cordas vocais dos foliões obriga-os a fechar os olhos, suspender a cabeça, fazer gestos e abrir a boca com tanto esforço que se inclinam para trás (CASTRO e COUTO, 1955).

Palhaços

Na folia, os palhaços simbolizam o mal. Para alguns, representam os soldados do Rei Herodes, perseguidores do Menino Jesus e para outros, representam o próprio Rei Herodes ou Satanás. Os palhaços vestem-se com roupas e máscaras confeccionadas por eles mesmos, com latas, peles de animais ou pano. Dentes, bigodes, narizes, orelhas e chifres assumem formas e proporções diferentes de forma a garantir a comicidade. O seu corpo fica envolto em uma espécie de pijama de pano colorido, onde são pendurados guizos, espelhos, fitas, dentes de jacaré ou onça, ou seja, tudo que torne seu aspecto o mais original possível. Por esse motivo, são comumente cercados por uma grande quantidade de crianças.

Andando em marcha, como os outros foliões, os palhaços não podem ficar e nem passar à frente da bandeira, permanecendo atrás ou ao lado. Não podem entoar os cânticos como os demais foliões, somente nos intervalos entre uma estrofe e outra, fazendo exclamações em tons de brincadeira ao ritmo da música. Também não podem tocar na bandeira e quando a folia visita alguma casa, ficam do lado de fora, brincando com as crianças. A participação mais efetiva dos palhaços acontece após o término de cada visita. Os foliões se dispõem em círculos, tendo ao centro o sanfoneiro, enquanto os palhaços assumem o espetáculo da folia. Ao entrarem no círculo, formado pelos foliões e espectadores, fazem a música parar, declamando chulas (histórias impossíveis), as quais provocam risos e gargalhadas. Durante a exibição dos palhaços, os espectadores jogam moedas ao chão. Aqueles, com sofreguidão, recolhem o dinheiro e, ao mesmo tempo, saltam incitando o público a contribuir ainda mais (CASTRO e COUTO, 1955).

6.6 Promessa

A folia cumpre um papel de uma promessa, isto é, um compromisso livremente assumido pelos foliões que devem participar da festa durante sete anos no mínimo, a fim de se conseguir uma desejada graça.

Muitos acreditam que, ao participar da folia, estarão atraindo as bênçãos do céu e assim protegerão a si e a seus familiares de doenças, infelicidades e tentações diabólicas.

Após cumprirem os sete anos, os foliões não têm mais a obrigação de participar da folia, mas sua fé e devoção aos Reis Magos são tão intensas que, geralmente, continuam participando da festa nos anos seguintes, a não ser que estejam impossibilitados fisicamente de fazê-lo (CASTRO e COUTO, 1955).

6.7 Bandeira

Toda folia possui uma bandeira que simboliza, ao mesmo tempo, o caminho percorrido pelos Reis Magos à Belém e a intenção (promessa) dos foliões em reviver tal peregrinação. Por esse motivo a bandeira vai sempre à frente, sendo enaltecida em cânticos entoados pelo mestre e carregada pelo alferes (ARAUJO, 1949).

6.8 Roteiro ou trajeto da folia

O trajeto da folia, também denominado giro, é rigorosamente planejado e executado. De forma geral, o início da folia e a festa de encerramento acontecem na mesma casa, podendo ser a residência do mestre ou de outra pessoa que, em função de uma promessa, se responsabiliza pelos gastos da folia. Os foliões procuram visitar o maior número de casas por dia. Não há, entretanto, uma quantidade determinada de visitas diárias. Tudo depende do que foi planejado inicialmente (ARAUJO, 1949).

6.9 Visitas

Ao chegar às casas visitadas, os foliões pedem permissão para entrar, entoando um cântico de entrada. A bandeira vai à frente do grupo, carregada pelo alferes. Se, na casa visitada, houver um presépio, o canto de entrada é substituído por outro, cujas estrofes se dirigem ao presépio. Este rito inicial sempre finaliza com o seguinte diálogo entre o mestre e o coro (demais foliões e a família visitada):

Mestre: - Viva o Menino Jesus!

Coro: - Viva!

Mestre: - Viva José e Maria!

Coro: - Viva!

Mestre: - Viva os Três Reis Magos!

Coro: - Viva!

Mestre: - Viva a Sagrada Família!

Coro: - Viva!

Mestre: - Viva os donos da casa!

Coro: - Viva!

Mestre: - Viva toda a Companhia!

Coro: - Viva

Em seguida, o alferes entrega a bandeira ao dono da casa que a beija em sinal de fé e respeito, apresentando-a aos demais familiares, os quais também demonstram sua devoção. A bandeira é levada por ele a todos os cômodos da casa, principalmente os quartos, até que o mestre solicite seu retorno para dar continuidade aos cânticos.

Com palavras improvisadas o mestre e seus foliões cantam versos (nome dados pelos foliões às estrofes) para os moradores. Em algumas casas, canta-se uma estrofe para cada morador, em outras, ainda, os foliões cantam à medida que o dono da casa for pedindo.

As estrofes também são cantadas para pedir donativos ou esmolas. Assim que o donativo é recebido pelo alferes da bandeira, o mestre improvisa mais estrofes como agradecimento (ARAÚJO, 1949).

6.10 Cânticos

A folia entoia cânticos próprios, de autoria do mestre ou de outros foliões. São cânticos de saudação que agradecem ao dono da casa e cânticos que, se referem ao nascimento do

Menino Jesus, à visita dos Três Reis Magos à Belém e alguns à fuga de Maria com Menino Jesus para o Egito. Além destes, em função da religiosidade inerente à festividade, os mestres estão sempre buscando novos temas para os cânticos no Velho e Novo Testamento (ARAUJO, 1949).

6.11 Donativos arrecadados

Os mestres é que decidem a destinação dos donativos. As doações são utilizadas para a compra ou substituição de instrumentos, para a renovação dos uniformes ou da bandeira e para a festa de encerramento. O restante é encaminhado para obras assistenciais.

Os alimentos recebidos como donativos são entregues aos orfanatos e asilos ou ainda favelas para suprir as necessidades dos mais carentes (ARAUJO, 1949).

6.12 Encerramento

A festa tem lugar e data marcada pelo mestre, geralmente um sábado, logo após o dia 6 de janeiro ou nos meses seguintes, de acordo com a conveniência de todos. É realizada para a prestação de contas do dinheiro arrecadado durante os dias do “giro” da folia.

Serve-se uma farta ceia em que não vigoram proibições contra bebidas alcoólicas. Os foliões sentam-se à mesa com o mestre. Já os palhaços, em geral, sentam-se em mesa separada e, excepcionalmente, fazem-no somente depois de servidos os foliões. Amigos e conhecidos, a convite do mestre, podem participar da festa. Antes e depois da ceia, o mestre faz uma oração de agradecimento ou faz um pequeno discurso alusivo à peregrinação.

Terminada a ceia, o alferes toma a sua posição com a bandeira diante dos foliões e, ao som dos cânticos, guardam o uniforme. Em primeiro lugar, os palhaços, ajoelhados, retiram a

máscara e abandonam suas roupas características, colocando-as aos pés da bandeira. Em seguida, um a um os foliões ajoelham-se e despem-se de suas fardas. Os últimos a realizarem o ritual são o mestre e o alferes (ARAUJO, 1949).

CAPÍTULO 7

PATOS DE MINAS

Dentre aqueles autores que se interessaram em estudar a cidade de Patos de Minas-MG, destaca-se Antônio de Oliveira Mello (1937), o qual relata detalhadamente o histórico da região.

7.1. Histórico

Segundo Mello, os primeiros povos que andaram por aquelas terras vieram com a finalidade de prender índios e fazê-los escravos para trabalhar nas lavouras de São Paulo. Esses índios pertenciam à tribo Cataguá e viviam na região compreendida entre os rios Grande, Paranaíba e Paracatu. Andavam por toda a região que, atualmente, constitui duas mesorregiões geográficas do estado de Minas Gerais: o Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba e o Noroeste de Minas.

Também merece destaque os bandeirantes que passaram pela região. A primeira bandeira¹ que passou por ali foi chefiada por Lourenço Castanho Taques, em 1670. Depois de lutar muito com os índios, continuou a andar pelo sertão adentro, passando pela região de Araxá e chegando onde hoje se situa Paracatu. Outras bandeiras, entre elas a de Bartolomeu Bueno da Silva, também passaram por essa região. Enquanto umas vinham de São Paulo,

¹As expedições dos bandeirantes eram chamadas de entradas ou bandeiras, tendo este último termo dado origem ao nome. Os Bandeirantes eram os sertanistas que a partir do século XVI penetraram nos sertões brasileiros em busca de riquezas minerais ou de índios e negros para escravização. Os mais famosos normalmente tinham origem paulista e foram os principais responsáveis pela conquista do interior e extensão dos limites de fronteira do Brasil para além do limite do Tratado de Tordesilhas, acordo firmado entre Portugal e Espanha com a intenção de dividir a posse das terras do Novo Mundo (WIKIPEDIA, 2006).

outras vinham do Nordeste do país, de Pernambuco, da Bahia. Nenhuma delas se fixou nesta parte do planalto. Então, seguiam rumo a Goiás e a Paracatu, atraídos pelas descobertas de ricas minas de ouro. Lá fundaram povoados.

Com a penetração das bandeiras, iam-se abrindo os caminhos chamados, naquele tempo, de “picadas”. Uma das mais famosas foi a “Picada de Goiás”, aberta nas primeiras décadas do século XVIII. Em 1737, foram doadas sesmarias¹ aos abridores de picadas ao longo de seu trajeto. Iniciou-se o povoamento do território. Posteriormente, concederam-se outras sesmarias em determinados pontos para as tropas.

A Picada de Goiás tinha início no Rio das Mortes, passando pela atual cidade de Bambuí² e atravessando a Serra da Marcela, indo até a Picada da Guarda dos Ferreiros, chegando a Catiguá³. Ali, o Capitão Inácio de Oliveira Campos iniciou um povoado – o qual mais tarde se tornou o Arraial de Nossa Senhora do Patrocínio – e dirigiu-se para Paracatu.

Da Picada Guarda dos Ferreiros partia-se outra chamada Aragões. Ao longo dessa, o Conde de Valadares concedia sesmarias com a intenção de povoar e proteger os viajantes. No trajeto dessa picada, encontram-se as atuais cidades de Rio Paranaíba, Carmo do Paranaíba, Lagoa Formosa e Patos de Minas.

¹ Sesmaria era a concessão de terras no Brasil pelo governo português com o intuito de desenvolver a agricultura, a criação de gado e, mais tarde, o extrativismo vegetal, tendo se expandido a cultura do café e do cacau. Ao mesmo tempo, servia para povoar o território e a recompensar nobres, navegadores ou militares por serviços prestados à Coroa Portuguesa. O sistema de sesmarias do Brasil era um prolongamento do sistema jurídico português, estabelecido pela lei de 26 de maio de 1375 e baixada por D. Fernando. Representava a exploração econômica da terra de maneira rápida, tendo fundamentado a organização social e do trabalho desenvolvida no Brasil, assim como o latifúndio monocultor e escravagista (WIKIPEDIA, 2006).

² Município localizado no estado de Minas Gerais.

³ Município localizado no estado de São Paulo.

O território onde hoje se localiza a cidade de Patos de Minas se caracterizava por apresentar uma grande quantidade de patos, os quais eram encontrados em uma grande lagoa, a três quilômetros da margem do rio Paranaíba. Até 1760, o território era habitado apenas por negros fugitivos das minas de Paracatu e de Goiás. Formavam quilombos às margens do rio Paranaíba, procurando locais onde o acesso para sua captura fosse mais difícil. Eram negros de várias etnias africanas, como as do Congo, de Angola e Moçambique. Os principais quilombos no território denominavam-se Babilônia e Aragões. O primeiro localizava-se nas proximidades de onde, atualmente, localiza-se a cidade de Lagoa Formosa. Já o segundo, situava-se a, aproximadamente, seis quilômetros ao Sul da atual Cidade de Patos de Minas.

Em relação a Patos de Minas, em 29 de maio de 1770 foi concedida ao viandante Afonso Manoel Pereira a primeira sesmaria que englobava o atual território do município. Considerado sem dono, já que era ocupado na época apenas por *“negros fugidos dos moradores do Paracatu e Goiás, de onde sai contínuos assaltos”* o território passou ao domínio do homem branco, com a destruição dos quilombos instalados na área.

A partir das primeiras décadas do século XIX, essa região passou a ser constituída por grandes fazendas de criação de gado. Aumentou-se a população da área, e por isso, a partir desse período, passaram a utilizar a denominação “Os Patos” para designar a povoação à beira do Rio Paranaíba.

Após a Carta de Sesmaria de Afonso Manoel Pereira, o outro documento mais antigo, como relata Mello (1937) é a escritura de doação de parte da fazenda “Os Patos”, de propriedade do casal Antônio Joaquim da Silva e Luiza Corrêa de Andrade.

Por serem devotos de Santo Antônio, o casal fez a doação para que *“se construísse um templo ao Santo”* e, ao mesmo tempo, um local para acomodar o povo que habitava o local. O povoado cresceu e transformou-se no “Arraial de Santo Antônio de Patos da Beira do

Paranaíba”. A população do Arraial continuou aumentando, elevando-o a “Vila de Santo Antônio dos Patos”.



Figura 1. Igreja Matriz de Santo Antônio (1916)

Em 24 de maio de 1892, a “Vila de Santo Antônio dos Patos” foi elevada à categoria de cidade de Patos. No entanto, o Decreto Estadual nº 1.058 de 31 de dezembro de 1943 muda o nome da cidade para “Guaratinga”, pois já existia uma cidade homônima no estado da Paraíba, o que provocou insatisfação na população, a qual queria continuar com o antigo nome. Então, atendendo aos apelos populares, o governo do estado de Minas Gerais muda novamente o nome da cidade para “Patos de Minas”.



Figura 2. Igreja Matriz de Santo Antônio (2005)



Figura 3. Cidade de Patos de Minas-MG

7.2. Patos de Minas e a Folia de Reis

Segundo Coury (1997), não existe um registro oficial sobre o início da Folia de Reis em Patos de Minas. A primeira menção disponível é datada de 1958 mas, segundo depoimento de um folião “ela é comemorada entre nós desde o século XIX, sendo os ternos¹ mais antigos os que se apresentavam advindos da Mata dos Fernandes²”.

Nessa época, os foliões já visitavam as casas na zona rural e urbana, com cortejos rituais peregrinatórios, com o objetivo de encenar o caminho feito pelos Reis Magos.

O primeiro registro de uma Folia de Reis, em Patos de Minas, ocorreu em 1958, durante a campanha do então candidato a prefeito, Sebastião Alves do Nascimento, popularmente conhecido como “Binga”. Foi realizada no auditório da Rádio Clube de Patos, por ocasião do programa conduzido pelo radialista Wulfrano Patrício³ (COURY,1997).

¹ Termo bastante utilizado em algumas cidades de Minas para se referir à Folia de Reis.

² Mata dos Fernandes é a designação usada para se referir à zona rural de Patos de Minas, a qual localiza-se a, aproximadamente, 18 Km da Cidade. É formada por vários povoados, entre os quais cita-se o do “Limão”. Esse nome faz referência a um córrego, de mesmo nome, que atravessava fazendas da região.

³ Iniciou sua carreira de jornalista em Pouso Alegre, transferindo-se para a Rádio Imbiara, de Araxá. Veio para Patos de Minas em 1949, onde assumiu o cargo de locutor da Rádio Clube de Patos, chegando a ser gerente da emissora. De todas as suas atividades desenvolvidas, a de maior destaque foi o festival das Folias de Reis em Patos de Minas, da qual se tornou um grande comandante. “Sabia ordenar, pedindo, e pedia, ordenando. Seu entusiasmo, seu coração humanitário do tamanho do mundo, sua voz revestida de uma doce sonoridade, sua ascendência sobre as pessoas e acima de tudo, sua profunda vocação para o serviço desinteressado aos pobres, tornaram-no um grande líder para a população de Patos de Minas, principalmente para os Grupos das Folias de Reis” (MOREIRA, 2000).

De acordo com Moreira (2000), foi somente a partir da década de 60 que as apresentações das Folias de Reis na Rádio Clube de Patos se destinaram ao Dispensário São Vicente de Paulo¹. Cada grupo de foliões tem uma data específica, marcada com bastante antecedência, para sua apresentação na Rádio. Nesse dia, há a entrega dos donativos recebidos, em dinheiro e alimentos, durante as visitas às casas.

Deve-se destacar que as Folias de Reis representam, para seus participantes, não somente a questão da ajuda ao próximo, mas também uma manifestação cultural na qual têm a oportunidade de estarem reunidos para expressarem sua devoção e, principalmente, a fé aos Reis Magos.

No tocante a essas idéias, Coury (1997) enfatiza a seriedade na preservação das Folias de Reis:

“Não podemos deixar que as Folias desapareçam, pois elas encerram em si uma grande riqueza cultural. Todo este ritual de fé precisa ser preservado para as gerações futuras e nós em Patos de Minas, que possuímos mais de 100 Folias cadastradas, revelamos através desta manifestação do folclore regional a alma do povo do interior de Minas Gerais, com suas crenças que vêm sendo transmitidas de geração para geração”.

Coury (1997) analisa a relação dos foliões ao encenarem a Folia de Reis. Para a autora, os foliões colocam suas vozes a serviço de Jesus, pois falam de paz e rezam cantando, mostrando, em cada estrofe, uma mensagem de fé, esperança e adoração ao Menino Jesus.

¹ É uma organização católica internacional de leigos, fundada em Paris, no ano de 1833, por Antônio Frederico Ozanam e seus companheiros. Colocada sob o patrocínio de São Vicente de Paulo, inspira-se no pensamento e na obra deste santo, esforçando-se, sob o influxo da Justiça e Caridade, por aliviar os sofrimentos do próximo, mediante o trabalho coordenado de seus membros. Sua ação compreende qualquer forma de ajuda, por contato pessoal, no sentido de aliviar o sofrimento e promover a dignidade e a integridade do homem. A Sociedade não somente procura abrandar a miséria, mas também descobrir e remediar as situações que gera. (MOREIRA, 2000).

Atualmente, as folias totalizam 104 grupos (ANEXO B), incluindo as que pertencem à zona rural e à zona urbana (COURY, 1997).

A Folia de Reis, em Patos de Minas, ocorre em duas etapas: de 25 a 29 de dezembro, os grupos de foliões fazem o percurso “giro” nas casas das fazendas ou cidades, arrecadando doações para o Dispensário São Vicente de Paulo. A segunda etapa se inicia com uma solenidade de abertura que acontece sempre no dia 06 de janeiro (Dia de Santos Reis) e só acaba quando todos os grupos de foliões, cadastrados pelo Dispensário São Vicente de Paulo, fazem a entrega das doações, com uma apresentação no auditório da Radio Clube de Patos. Ao final dessa apresentação, o referido grupo apresenta as doações para um tesoureiro do Dispensário São Vicente de Paulo.

CAPÍTULO 8

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os festejos da Folia de Reis possuem importância fundamental sob o ponto de vista da qualidade de vida, principalmente no que tange à preservação da memória coletiva, da melhoria da auto-estima do idoso e na integração como sujeito ativo no processo social do qual faz parte. Nosso estudo evidenciou, às vezes de forma explícita, outras tantas de forma implícita, a alegria e o prazer dos idosos em participarem como atores sociais no processo de preservação da cultura e da memória de seu povo. A seguir é apresentada a análise das entrevistas sob o enfoque da revisão bibliográfica trabalhada.

8.1. Entrevista com os idosos

A) A Folia de Reis do Limão e sua origem

Há décadas se realiza a Folia de Reis em Patos de Minas. No entanto, há poucos registros da história da Folia de Reis do Limão, a qual é nosso objeto de estudo. Os dados aqui apresentados dizem respeito às informações orais recolhidas entre os idosos entrevistados.

A Folia de Reis do Limão é uma das mais antigas folias que ocorrem na Mata dos Fernandes. Não se tem uma data precisa sobre seu surgimento, existindo inúmeras divergências. Um dos participantes mais assíduos afirma ter ela surgido nos anos 20, tendo sido iniciada pelo seu avô. Com receio de que a Folia de Reis do Limão fosse extinta, o avô do entrevistado dizia sempre pedir aos demais foliões do grupo para continuarem com a folia:

“meu avô queria muito que a Folia do Limão não acabasse, então sempre pedia pra gente continuar.” Com o passar do tempo, vários foliões ficaram doentes e outros faleceram. Durante alguns anos, nesse mesmo período, a Folia de Reis do Limão não esteve presente nas visitas às casas.

A origem do nome “Folia de Reis do Limão” – deve-se ao córrego do Limão que atravessa algumas fazendas da região da Mata dos Fernandes. A relação da Folia com o local de origem é muito importante para os idosos pois, todos os anos, ao percorrerem as fazendas da região, eles se lembram do tempo em que moravam no local, ao qual se referem como “roça”. Demonstam incontida alegria por estarem ali, agradecendo a Deus: *“Como era bom quando a gente morava aqui na roça. Era mais perto para foliar e a gente podia estar mais perto dos amigos.”* *“Hoje quando estou aqui na roça, por causa da folia, sinto um momento maior ainda de alegria, pois fico lembrando do tempo em que eu morava aqui na roça e ficava mais perto dos companheiros.”*

B) A Folia de Reis do Limão

A Folia de Reis por nós estudada em Patos de Minas-MG guarda inúmeras semelhanças com aquelas estudadas por CASTRO e COUTO (1995) e ARAUJO (1949), entretanto, algumas especificidades e particularidades da Folia de Reis do Limão tornam-na distinta.

- Visitas ou “giros”

Durante o período em que ocorrem os giros da Folia de Reis do Limão nas casas e fazendas da Mata dos Fernandes, de 25 a 29 de dezembro, há, em média, dez casas visitadas diariamente pelos foliões. A primeira visita é a única que acontece à noite, e separadamente

das outras, à meia-noite do dia 24 de dezembro, para rememorar e celebrar o nascimento do Menino Jesus. A partir do dia seguinte, começam, durante o dia, as outras visitas.

Cada visita tem duração aproximada de 40 min, exceto para a primeira e última casa visitada, com duração, em média de duas a três horas, pois há, antes do início da folia, a reza do terço pelo capitão, seguida da folia propriamente dita, e por último, é servida uma farta ceia.

Não há uma ordem específica para determinar quais casas ou fazendas serão visitadas diariamente mas, até o último dia, todas referentes ao “giro” da Folia do Limão devem ter recebido o grupo de foliões.

- Fase de preparação

Os preparativos para a festa começam com a escolha da casa ou fazenda em que se iniciará a visita, a qual ocorre, geralmente, no último dia da folia do ano anterior.

Para isso, alguém, seja um folião do grupo ou uma outra pessoa qualquer que deseje que a folia comece em sua casa, faz o pedido ao capitão¹ da folia para a festa da “saída”, termo usado para designar a primeira casa visitada. Essa visita, como destacamos, é a única, durante os cinco dias de folia, que ocorre à noite.

Nessa visita, o capitão, em conjunto com os demais foliões, nos minutos que antecedem a folia, afina todos os instrumentos, fazem o sinal da cruz e rezam um Pai-Nosso e uma Ave-Maria, pedindo saúde e proteção aos Três Reis Magos para realizarem a festa.

¹Termo utilizado pelos foliões em Patos de Minas para se referirem ao mestre.

- Terço

A reza do terço antes do início da folia ocorre, geralmente, na sua “saída” e na sua “entrega”, pois essas são as visitas que apresentam maior duração. Mas, durante as outras visitas, caso o dono da casa peça, o capitão poderá também rezar o terço.

O terço é um conjunto de orações de Ave-Marias e Pai-Nossos. São cinquenta Ave-Marias rezadas em grupos de dez, que se chamam Mistérios. Antes de cada Mistério, o capitão entoia a ladainha:

A nós descei divina luz

Refrão: *A nós descei divina luz (bis)*

Em nossas almas acendei o amor, o amor de Jesus (bis)

1) *Vós sois a alma da Igreja. Vós sois a vida, sois o amor;*

Vós sois a graça benfazeja que nos irmana no Senhor. (bis)

2) *Divino Espírito descei. Os corações vinde inflamar,*

E as nossas almas preparar para o que Deus nos quer falar. (bis)

Somente ao final de cada Mistério reza-se o Pai-Nosso e, ao fim do terço, reza-se também a oração Salve-Rainha e o Credo.

- Canções

As canções, também chamadas ladainhas são “tiradas (declamadas) ou cantadas durante os terços, novenas, trios. Sua popularidade é baseada nos poderes místicos da impreciação religiosa” (CASCUDO, 2002). São entoadas na folia e apresentam características religiosas sacras, com versos que relatam a história do nascimento do Menino Jesus e de momentos específicos do caminho percorrido pelos Três Reis Magos. Há também versos improvisados que se referem a trechos bíblicos, principalmente dos Livros de Mateus e Lucas

(os quais narram o nascimento do Menino Jesus e o caminho dos Reis Magos), e outros que são entoados conforme a criatividade e necessidade do capitão em agradecer ao dono da casa visitada, as “esmolos” e a comida recebida.

Nesse contexto Tremura (2006, p. 3-4) reforça:

“A poesia popular e a rima estão presentes nos versos da Folia de Reis, e através destes fortalecem as relações pessoais, expressam devoção, e cumprem promessas feitas pelos participantes aos Reis Magos com o intuito de ajudar ou favorecer familiares com problemas financeiros ou de saúde. Os versos das toadas articulam as aspirações pessoais e interpretam a visão do mundo aos olhos de seus participantes, os quais fazem referências aos Reis Magos como intermediadores da relação com Deus, transformando-os em verdadeiros santos.”

O exemplo a seguir refere-se a uma das ladainhas que são entoadas na primeira casa visitada, a qual ocorre à noite. É uma narrativa histórica conta desde o nascimento do Menino Jesus até a viagem dos Três Reis Magos a Belém para visitá-lo.

O nascimento do Menino Jesus

Verso 1 *Glória ao Pai, glória ao Filho e*
ao Espírito Santo, Amém.
Nós vamos contar a Santa viagem
dos Três Reis Magos para Belém

Verso 2 *A Deus te salva*
a morada Santa
com prazer e alegre
aí um dos Reis repassar
com São José e a Virgem Maria

Verso 3 *A meia-noite já foi dado*
e aí os Santos Reis esperamos

*em honra do filho da Virgem
e alegre nós cantemos*

Verso 4 25 de dezembro

*Naquela excelente hora
Foi que nasceu o Menino Jesus
Filho de Nossa Senhora*

Verso 5 26 de dezembro

*Veio um anjo anunciar
Que se via um Deus nosso
Que no mundo ressuscitou*

Verso 6 27 de dezembro

*Quando o galo deu sinal
Que nasceu o Menino Deus
Numa noite de Natal*

Verso 7 28 de dezembro

*Veio o anjo São Gabriel
Ele veio dar manifesto
Que se via um Deus fiel*

Verso 8 29 de dezembro

*Quais os passos ele hei de dar
Vou atrás dos Três Reis Santos
Onde eles hei de encontrar*

Verso 9 30 de dezembro

Quando a Virgem rompeu

Foi chamar São João Batista

Pra batizar o Menino Deus

Verso 10 Aí São João perguntou a Deus

Qual dos dois são batizados

Com o poder de Deus Pai

Todos os dois são confirmados

Verso 11 Aí ganhei um Santo afilhado

Não tenho nada para dar

Vou atrás dos Três Reis Santos

Para vir te adorar

Verso 12 Os Três Reis foram os primeiros

Que a Jesus foram adorar

Levaram incenso, mirra e ouro

Para o menino ofertar

Verso 13 O Deus de imensa grandeza

Que formava no horizonte

O povo se lastimava

Com sua fé mais ardente

Verso 14 O povo se lastimava

Do imenso fulgor divino

Qual era o risonho sol

Vira onde estava o Menino

Verso 15 Fugindo da nova luz

Procurando a manjedoura

Era uma estrela que nos guiava

Linda, encantadora

Verso 16 Foi nascido naquela hora

Iluminou o mundo inteiro

Iluminou o Salvador

Verso 17 Bate forte companhia

A companhia de Deus, amém

Vimos assistir a missa nova

Na Capela de Belém

Verso 18 Ajoelhamos em Vossos pés

Para pedirmos a Deus o perdão

Perdoai nossos pecados

E derramai a Vossa bênção

Verso 19 Foi nascido em uma lapa

Espinhaço que no fundo

O povo já gritava

Viva o Salvador do mundo

Verso 20 Já recebemos

A Vossa bênção

E já podemos nos levantar

Verso 21 Os Três Reis que chegaram

Com seus presentes na mão

Já fizeram a Santa entrega

Vamos tirar o joelho do chão

Verso 22 O galo crista de serra

Foi um passo merecido

Ele deu o primeiro sinal

Que o Menino foi nascido

Verso 23 O boi perguntou aonde

O camelo também

O carneiro respondeu

Na cidade de Belém

Verso 24 25 de março

Que a Virgem concebeu

25 de dezembro

Que o Menino Jesus nasceu

Ao final dos versos o capitão finaliza com o seguinte diálogo e o coro (demais foliões e a família visitada):

Capitão: - Viva o Menino Jesus!

Coro: - Viva!

Capitão: - Viva José e Maria!

Coro: - Viva!

Capitão: - Viva os Três Reis Magos!

Coro: - Viva!

Capitão: - Viva a Sagrada Família!

Coro: - Viva!

Capitão: - Viva os donos da casa!

Coro: - Viva!

Capitão: - Viva toda a Companhia!

Coro: - Viva

Capitão: - Em nome do Pai, Filho

Espírito Santo

Em nome da Santa Cruz

Terminamos a Salvação

Da Santa lapa de Jesus.

Coro: - Amém.

Os instrumentos utilizados, em acompanhamento aos versos, são a viola, o cavaquinho, a caixa ou bumbo, o pandeiro e a sanfona. O capitão somente inicia os versos após o toque da sanfona e cada verso entoado, é acompanhado pelos demais foliões, os quais o respondem em segunda voz, seguido por grito de “ai” estridente e choroso.

- Componentes

Foliões

Na Folia de Reis do Limão, há em média, quinze foliões, a maioria idosos. Há também a participação de jovens, os quais são filhos, netos, sobrinhos e alguns bisnetos desses mesmos idosos. Esses jovens acompanham os idosos cantando ou tocando algum instrumento.

A análise das falas dos idosos nos permite inferir que eles, como contadores de histórias, sentem-se socialmente responsáveis pela manutenção daquela experiência e sua transmissão aos mais jovens: “*os idosos tem o estudo para ensinar os mais novos. Sem isso a Folia acaba*”. Muitas vezes manifestam preocupação com a possibilidade de enfraquecimento da folia, quiçá seu término: “*se não tem jovem para participar da folia, a quem nós vamos mostrar como lidar com os instrumentos, ensinar cantar, como fazer as vozes... Desse jeito, a Folia do Limão vai acabar.*” “*a gente fica preocupado porque são poucos os mais novos que*

querem aprender com os mais velhos.” “Tem rapaz que acha que fazer parte do grupo é não depender do que os velhos vão contar e acabam saindo do grupo.”

Mestre

A autoridade do mestre é reconhecida pelos demais foliões. Toda a organização do festejo depende de suas decisões, as quais são obedecidas sem restrições. Quando há divergências entre os foliões é o mestre que intervém com a sua autoridade para acalmá-los, mostrando a bandeira como sinal de respeito (ARAÚJO, 1949).

Na Folia de Reis do Limão o mestre é também chamado de capitão. Ele é o “comandante” da folia que organiza as ações do grupo de foliões, tais como o giro diário, a casa em que será fornecido o almoço para os foliões, o meio de locomoção para chegarem à “roça” – Mata dos Fernandes: “ *o capitão falou, a água parou. Ele nos orienta, sem ele os foliões não se reuniriam numa mesma casa e não saberiam o que fazer*”.

O capitão determina também a posição dos foliões, em cada casa visitada, o horário e a casa em que se preparam para iniciarem o giro do dia, bem como guardar a bandeira da folia ou indicar alguém para essa função.

Alferes da bandeira

O alferes possui a função de apresentar a bandeira ao dono da casa e receber os donativos oferecidos pela família. Ele não canta nem toca algum instrumento com os demais foliões.

Na folia analisada, quem desempenha o papel de carregar respeitosamente a bandeira é uma mulher. Ela começou a participar da Folia de Reis do Limão acompanhando seu esposo, um dos foliões. Com o passar do tempo, o capitão a autorizou a ser a alferes da bandeira.



Figura 4. A alferes da bandeira.

- Palhaços

Outro aspecto importante a se destacar é a participação dos palhaços na Folia de Reis do Limão. Para os idosos entrevistados, ele é a representação da figura do rei Herodes e, por isso está também relacionado a Satanás, anti-herói nesse contexto religioso. Dessa forma, diferentemente do que ocorre em outras folias, não pode estar presente em uma festa que exalta tanto o nascimento do Menino Jesus, como a sua adoração pelos Três Reis Magos. “*Na nossa folia não tem palhaço porque ele significa o rei Herodes que era mau e, como a gente pode rezar se tem um dos companheiros que está vestido de palhaço? É muito ruim, porque o palhaço fica com brincadeiras na hora da reza e a reza é um momento sagrado. Tem que ter respeito*”

- Comida

Os donos das casas escolhidas para a primeira e a última visita se encarregam em oferecer uma farta ceia, com carne de frango, bovina e suína, arroz, tutu de feijão, torresmo, um tipo de palmito amargo chamado de “guariroba”. Tal refeição é regada com bebidas

alcoólicas, cachaça ou “pinga”, oferecidas aos foliões, como forma de agradecimento à visita. Toda essa comida é custeada pelo dono da casa e muitas vezes são ofertadas como cumprimento a uma determinada promessa feita aos “Santos Reis.” Os foliões ratificam: *“Não há nenhuma doação, tudo é por conta do dono da casa que quer agradar a gente por ter vindo na sua casa.”* Até em situações mais precárias, o costume é mantido: *“Mesmo que a casa seja de poucas condições, é costume do dono da casa, agradecendo os Santos Reis, oferecer nem que seja uma pinguinha, café, com pão de queijo e pelotinhas¹.”*, *“Mas não pode faltar a pinga que é também a tradição da folia.”* A bebida é importante: *“Antigamente era costume beber a pinga para se esquentar nos dias frios e também a a garganta dos foliões. Só que o costume continuou e muitos companheiros adoeceram.”* *“Mas um pouquinho de pinguinha, sem exagero, é muito bom na descontração com os companheiros nos intervalos do terço e das cantorias dos versos.”* *“A comilança e a pinga é a maneira da gente reunir os amigos foliões para descansar durante o percurso da*



Figura 05. A “pinguinha” dos foliões.

folia.” *“A pinga é abençoada e deve sempre existir nas folias, mas eu já não posso beber mais a danada, por causa da saúde, que você sabe que vai ficando fraca.”*

¹ Termo usado pelos foliões para se referirem a almôndega de carne.

Tanto a comida quanto a bebida estão presentes para a celebração aos Reis Magos. Conforme Duvignaud (1983), “nas festas há a capacidade de acionar situações que animam vários sentidos, os quais não são comuns na vida diária.” Assim, percebe-se a importância desse momento para os idosos entrevistados, pois durante todo um ano de trabalho árduo, é na festa que se esquecem de todos os problemas da vida diária. Eles deixam de lado quaisquer tipos de regras com ações repetitivas, para ficarem mais à vontade, com sua “*pinguinha*”. “*Que coisa é beber uma pinguinha, com uma pelotinha e conversar fiado.*”

Na foto a seguir observa-se, pela grande quantidade de comida, o quanto é importante aos donos da casa visitada, receber a visita dos Três Reis Magos por meio do grupo de foliões. “*É bom demais quando os Santos Reis vêm na casa da gente e, para agradecer a gente faz a comida com muito gosto.*”



Figura 06. A comida oferecida na Folia.

Ao redor da farta mesa, os foliões fazem orações, tais como a reza do terço completo ou 1 Pai Nosso, com 1 Ave Maria e o Credo, acrescidos de versos improvisados. Essas orações são entoadas em forma de ladainhas, as quais começam com o mestre, a partir do toque da sanfona e da caixa (bumbo) que marca o momento em que os demais foliões devem

cantar também, em resposta ao mestre. Essas atitudes demonstram, além do respeito pelos donos da casa, a devoção aos Três Reis Magos, pois para eles: *“toda essa comida só é possível se os Santos Reis abençoarem a casa.”*



Figura 7. Os foliões agradecem à comida recebida.

À parte desse encontro anual da Folia de Reis, os foliões se reúnem eventualmente quando são chamados para se apresentarem em alguma casa ou fazenda da região de Patos de Minas. Isso acontece, pois muitos moradores, devotos dos “Santos Reis”, desejam cumprir seus “votos” e, por algum motivo, não conseguem realizá-lo durante o período da festa, a qual ocorre em dezembro. *“Se pedir a gente vai cantar. Quando a gente é chamada para visitar uma casa, pobrezinha ou não, é um orgulho para nós.” “Nós podemos estar mais juntos dos companheiros e isso é muito bom.”* É evidente a alegria e o prazer de que são tomados ao se sentirem responsáveis por evento tão conceituado na comunidade em que vivem. As responsabilidades extrapolam o mero encenar, já que os foliões aproveitam o intervalo em que se oferece a comida e a bebida para decidirem sobre a entrada de novos componentes na folia, a manutenção dos instrumentos musicais e, caso haja necessidade, a delegação de novos capitães ou alferes da bandeira.

C) A bandeira

A bandeira desempenha importante papel simbólico na Folia de Reis, constituindo-se em uma representação crucial da presença dos Três Reis Magos. Sua importância revela-se em falas como: *“não existe folia sem a bandeira, pois os Santos Reis são os guias e são eles que abençoam a casa e, somente depois disso, o restante dos foliões poderão entoar as ladainhas”*. *“a bandeira é a guia, ela é a chefe de tudo. É a estrela e se não tiver a bandeira, a gente não vai em nenhuma casa.”*

Conforme o Dicionário de Símbolos de Chevalier (2003, p.119), a bandeira representa um símbolo de proteção, a qual pode ser concedida ou dada:

“[...] O portador de uma bandeira ou de um estandarte ergue-o acima de sua cabeça. De certo modo, lança um apelo ao céu, cria um elo entre o alto e o baixo, o celeste e o terreno. Jeová é minha bandeira, diz o texto do Êxodo (17, 15), o que significa: Deus é minha proteção.”

Cada folia confecciona sua bandeira colocando muitas cores e fitas, as quais possuem funções simbólicas. A azul representa o manto que Nossa Senhora ofertou aos Três Reis Magos em agradecimento ter a honra em receber suas visitas; a vermelha representa o Divino Espírito Santo; a amarela, a branca e a verde representam as cores cor dos presentes ofertados pelos Três Reis Magos: o ouro, o incenso e a mirra, respectivamente.

Cada bandeira deve estampar a imagem dos Três Reis Magos. Algumas ainda utilizam a imagem do Menino Jesus no colo de Maria e de anjos protetores. É confeccionada em tecido de algodão em uma armação de madeira, enfeitada com cetim, trazendo bordados de flores e ramos coloridos. Ela é ainda encapada com um plástico transparente muito resistente, para não rasgar ou sujar.

Quando o alferes da bandeira portando-a, a casa visitada é abençoada. Ele posiciona-se em frente aos demais foliões, para que o mestre dê início a ladainha. Os foliões ajoelham-se, rezam um Pai Nosso, uma Ave Maria, um Credo e outras ladainhas, em frente à bandeira e

depois passam debaixo dela, em sinal de respeito e devoção aos “*Santos Reis*”. Somente após o ritual, o alferes entrega a bandeira ao dono da casa para que ele possa entrar com ela em cada cômodo, abençoando-os. Essa passagem pelos cômodos representa os próprios Reis Magos abençoando o local.

Uma importante demonstração de devoção aos “*Santos Reis*” pelos moradores da casa visitada é o ato de beijar a bandeira, ato este de muito respeito. Para eles, beijá-la, traduz a crença de que serão alcançadas bênçãos por todo o ano. O respeito à bandeira e aos seus poderes são reforçados a cada visita dos foliões, como se pode ver na declaração: “*o respeito pelos Santos Reis é tanto, que até os mais novos se acham na obrigação de beijar a bandeira.*”



Figura 8. O folião beija a bandeira.

Durante o intervalo entre as ladainhas, as quais geralmente ocorrem na sala, os foliões dirigem-se à cozinha, onde é servida a comida e a bebida, enquanto a bandeira é, provisoriamente, deixada no quarto do casal, em sinal de respeito, de forma a ser preservada do burburinho que se segue. Terminado esse intervalo, o mestre pede a bandeira ao dono da casa, que a entrega ao alferes para que o mestre inicie a ladainha em agradecimento às doações e as refeições recebidas.

D) Presépios

A maior parte das casas visitadas possuía presépios. Conforme CASCUDO (2002), o presépio se originou por criação de São Francisco de Assis em Grécio, no ano de 1223.

“Grupo feito de barro ou massa representando a cena de adoração ao Menino Jesus na manjedoura de Belém. São José, Nossa Senhora, os pastores e os animais cercam o Menino Jesus. Em 06 de janeiro apareciam os Três Reis Magos, o séqüito, os camelos e outros bichos [...]”

O presépio é montado, geralmente, sobre uma mesa forrada toalhas de tecido ou papel, e colocado em uma parede da sala, para que seja visto pelos foliões, ao visitarem a casa.

Todos os entrevistados afirmaram que, para os foliões visitarem a casa, não existe obrigatoriedade do presépio, mas caso o tenha, é necessário que os foliões, ao entrarem na casa cantem e rezem em frente a ele: *“se tem o presépio, a casa fica mais bonita para receber os Santos Reis”*.

Os presépios são confeccionados pelos moradores da casa visitada os quais colocam as imagens, em miniatura, do Menino Jesus, de Maria, de José, dos Três Reis Magos em algodão – representando o céu -, com luzes, enfeites de Natal e palha. *“Santos Reis gosta que a gente deixe o presépio bem bonito.”*

O presépio é armado na sala para que os foliões, tendo à frente o alferes com a bandeira, possam vê-lo. Então o alferes coloca a bandeira diante do presépio para que os demais foliões possam entrar para iniciar as rezas e ladainhas, como mostra a foto a seguir:



Figura 9. O presépio.

E) Encontros ocasionais de grupos de foliões

Em função do grande número dos grupos de foliões, é bastante comum, que eles se encontrem no caminho percorrido. Quando tal encontro se dá na mesma casa, os foliões se congratulam, dividindo o mesmo espaço. Passam a cantar, revezadamente, as ladainhas. Nos intervalos entre uma e outra, conversam, contam histórias, rememoram o passado: *“quando os grupos de foliões se encontram é uma festa, pois a gente vê os outros companheiros e pode por em dia as conversas.”* *“é muito bom rever os amigos dos outros grupos de folia, pois mesmo sendo de grupos diferentes, o importante é estar junto.”*

Atualmente, quando há o encontro de folias, os foliões beijam a bandeira do outro grupo e vice-versa e as doações são divididas entre os grupos: *“hoje, no encontro de folias, a gente é tudo irmão e beija a bandeira dos outros foliões sem nenhuma vergonha.”*, *“o sentido da folia é não ter briga e sim ter união entre as pessoas. O que a gente quer é celebrar o nascimento do Menino Jesus por meio da visita dos Santos Reis.”*

F) Alterações da Folia de Reis do Limão

Todos os entrevistados afirmaram que a principal modificação ocorrida, não somente no grupo de foliões da Folia do Limão, mas também nos outros grupos de folias existentes em Patos de Minas, refere-se ao dinheiro e aos mantimentos arrecadados durante o giro da folia. Esses, antigamente, eram utilizados para a realização de uma grande festa no último dia de folia. No entanto, essas doações, desde a década de 60, foram destinadas ao Dispensário São Vicente de Paulo.

Conforme Moreira (2002), a Campanha Anual das Falias de Reis está relacionada à história do Dispensário São Vicente de Paulo, tornando-se um evento de importância nas atividades de assistência social da cidade de Patos de Minas.

O Dispensário ou Sociedade São Vicente de Paulo é uma organização católica cuja origem data do ano de 1833, em Paris. Foi fundada por Antônio Frederico Ozanam. Fundamenta-se no legado deixado nas obras de São Vicente de Paulo, as quais se inspiram na justiça e caridade, em consideração aos sofrimentos do próximo, por meio do trabalho de seus componentes. “A Sociedade não somente procura mitigar a miséria, mas também descobrir e remediar as situações que geram. Leva a ajuda a quantos dela precisam, independentemente de raça, cor, nacionalidade, credo político ou religioso e posição social.” (MOREIRA, 2000).

Dessa forma, observou-se nos idosos entrevistados uma grande preocupação em ajudar aos mais necessitados com as doações feitas ao Dispensário: *“é bom a gente poder ajudar os que mais precisam.”*, *“é muito importante essa ajuda, mas ela não deve ser somente com o dinheiro, mas também com as visitas que a gente pode fazer para consertar os móveis e utensílios domésticos para os mais pobres.”* *“nós vimos que tinha muito desperdício de comida na festa da entrega, então nós falamos para parar de fazer festa e utilizar esse dinheiro em doações ao Dispensário São Vicente de Paulo.”*

8.2. Outros entrevistados

A) O prefeito da cidade de Patos de Minas

Sobre a importância da Folia de Reis para Patos de Minas, o prefeito ressaltou a sua relação com a preservação da cultura de um povo: *“Apresenta um significado cultural da sua raiz que preservam. Esse sentimento cultural tem um outro símbolo, o qual possui uma identidade muito grande com a solidariedade.”*; *“então além desse aspecto cultural das raízes, a Folia de Reis tem essa responsabilidade das doações com o Dispensário São Vicente de Paulo. Essa entidade faz o que o poder público não faz.”* Vê na festa uma oportunidade de valorização da cultura local e, conseqüentemente, dos idosos da região.

Com relação à participação dos idosos na Folia de Reis, o prefeito ressaltou sua relevância: *“são os idosos que irão repassar todo esse legado cultural da Folia de Reis para os mais novos.”*

O radialista Valico e o prefeito dão início à Campanha de entrega das doações pelos diferentes grupos de foliões. Nesse instante, a presença dos participantes da folia é maciça, bem como de autoridades da cidade. A primeira etapa da Folia ocorre de 25 a 29 de dezembro e a segunda etapa, que acontece no auditório da rádio, se inicia no dia 06 de janeiro e só termina quando todos os grupos se apresentam e entregam as doações que receberam nas casas visitadas.

B) O padre

A Folia de Reis possui larga aceitação não só por parte da população como também por parte da Igreja Católica, a qual não só incentiva como também participa das folias. Realiza a bênção que inicia a segunda etapa da Campanha de Folias de Reis, no dia 06 de janeiro, na Rádio Clube de Patos de Minas, como mostra a foto a seguir com a preparação do padre para iniciar a celebração.

Para o padre Maurício, da paróquia Santo Antônio, a Folia de Reis é de fundamental importância para a continuidade dos valores culturais de um povo e, ao mesmo tempo, mantém o espírito de solidariedade com as contribuições para o Dispensário São Vicente de Paulo, como se observa em sua fala: *“a Igreja reconhece esse trabalho magnífico dos participantes da Folia de Reis, pois é a religiosidade popular. Para mim é, sem dúvida, um trabalho extraordinário que é feito em função de nossos irmãos mais pobres. É um gesto muito bonito e concreto da celebração do Natal, o qual combina com as partilhas. E as folias representam justamente as partilhas.”*

Com relação à participação de pessoas de religiões diferentes à católica na Folia de Reis, o padre afirmou não existir restrições, seja no grupo de foliões, seja na casa visitada. Mas, o que se observou, com os próprios foliões, é que todos são católicos e não fazem o “giro” nas casas onde os moradores não tenham a mesma religião praticada por eles: *“se a pessoa não acredita nos Santos Reis, então fica difícil visitar essa casa”*.

C) O Radialista

O radialista entrevistado é o atual líder da campanha de entrega dos donativos arrecadados nas Folias de Reis em Patos de Minas. Destaca-se em função dos anúncios feitos à população, no programa diário, do qual é o locutor. Ele chama a atenção para a relevância da assistência social feita por intermédio das folias.

Essa etapa da campanha coordenada pelo entrevistado acontece por um período de aproximadamente dois a quatro meses, dependendo da disponibilidade dos foliões, pois muitos trabalham durante toda a semana e, têm apenas o final de semana para participarem do momento da entrega dos donativos arrecadados durante a primeira etapa, de 25 a 26 dezembro. Então, a Rádio Clube funciona, durante o período de janeiro a abril, todos os finais de semana para as apresentações dos grupos de foliões. Antes da apresentação, o capitão do grupo entrega as doações recebidas a um representante do Dispensário São Vicente de Paulo: *“a gente faz as inscrições com a devida antecedência e cada folia escolhe o dia e hora de sua preferência.”*

O radialista Valico ainda enfatiza a união da população para a ajuda aos mais necessitados: *“aqui em Patos de Minas há uma preocupação muito grande no que diz respeito as obras assistenciais, devido a existência do Dispensário São Vicente de Paulo. Por isso há muitas doações e eu sinto orgulho de fazer parte da Campanha de Folia de Reis que ocorre na Rádio.”*

8.3 Significado e importância da Folia de Reis

A Folia de Reis corresponde a um momento muito significativo na vida dos idosos, eles desempenham grande importância para a manutenção e a preservação da memória coletiva. Segundo Bosi (2004), as memórias fazem os idosos reviverem o passado de uma forma prazerosa. Para eles, o ato de lembrar não é simplesmente sonhar. Ele “desempenha uma função para a qual está maduro, a religiosa função de unir o começo ao fim, de tranquilizar as águas revoltas do presente, alargando suas margens.” (BOSI, 2004)

“A Folia de Reis é uma diversão, pois é a hora de juntar os velhos numa conversa. Ela é tudo na vida! É também o momento de devoção com os Santos Reis.” “É o momento em que os foliões estão juntos.” “Quando os foliões se encontram parece que nós todos somos irmãos.” Ao se reunirem, durante a folia, para cantar, orar, glorificar, contribuem com uma intensa energia, a qual contagia os demais presentes.

A festa é o momento de transposição dos limites do espaço e do tempo cotidiano.

“Nas festas os indivíduos vivem com maior intensidade o sentimento coletivo e a vida social é retemperada e a coesão reconstituída. Se com o passar do tempo, aumenta-se o desgaste e cansaço, a festa, ao contrário, rejuvenesce e vitaliza, pois rompe com a obrigação do trabalho e tende a libertar as limitações e as sujeições da condição humana. Nas festas, vive-se o sonho e a utopia em diversas possibilidades e inversão de papéis.” (DURKHEIM, *apud* ASSUMPCÃO, s/d)

A Folia de Reis “celebra um tempo mítico, o qual se opõe ao tempo histórico. O mito se encontra dentro e fora do tempo, sendo revivido nas máscaras e nas representações. As festas atualizam o tempo volvido, a época em viviam e agiam os antepassados” (CALLOIS, *apud* ASSUMPCÃO s/d).

O nascimento do Menino Jesus e o caminho percorrido pelos Reis Magos para honrá-lo, há mais de 2000 anos, são rememorados com a visita dos foliões às casas, os quais encenam e entoam ladainhas. Além da própria história da visita ao Menino Jesus, os foliões

revivem hábitos antigos de convivência com os amigos, revivem o clima das antigas folias e da vida no campo.

Nesse contexto, Assumpção (s/d) reforça:

“Valorizar símbolos ao comemorar a história e a memória coletiva, ao ‘ressuscitar o passado’ é estabelecer as ‘pontes’ que o une ao presente para, assim, resguardar e fortalecer a unidade da coletividade. Nas grandes comemorações, os heróis do passado se juntam aos heróis do presente e, miticamente, guardam a plenitude da coletividade”.

A importância da folia para a continuidade da tradição é destacada: *“A Folia de Reis é tradição, um respeito pelos Santos Reis”*. *“Dos velhos é que vem a semente. A importância dos idosos é destacada: Se os velhos não ensinarem os mais novos, não vai ter mais a Folia de Reis do Limão. Os novos é que levam a Folia adiante.”*

Bauer (2000) relaciona a ação de contar histórias como uma forma de envolver as experiências em uma aura familiar para quem ouve, o que contribui para fortalecer o vínculo social, o qual tende a aumentar à medida que a história é contada. Sempre que a memória coletiva é requerida funcionará como um estímulo para a renovação das forças sociais. Assim, tais lembranças somente são possíveis porque o grupo existe. Assumpção (s/d), no tocante a essas forças sociais afirma que:

“Ao formar e reforçar o sentido de coletividade, de coesão e de culto a símbolos sociais, as reuniões de massa desempenham um importante papel na construção da identidade e da diferença. Nestes momentos, a sociedade tende a superar seus antagonismos e suas diferenciações sociais. Ritualmente celebra-se a afirmação de uma solidariedade social transcendental. Um ‘nós’ ocupa espaços de diferenciação e de afastamentos cotidianos. São projetados desejos de união, autoestima, integração e prazer”.

A memória dos idosos expressa uma permanente reprodução da Folia de Reis, o que favorece e consolida o sentimento de pertencimento ao mundo, tanto no presente quanto no futuro.

Esse processo que possibilita salvar as lembranças e preservar a cultura se fundamenta, segundo BOSI (2004), na construção da memória coletiva a partir “dos laços de convivência familiares, escolares, profissionais. Ela entretém a memória de seus membros, que acrescenta, unifica, diferencia, corrige e passa a limpo. Vivendo no interior de um grupo, sofre as vicissitudes da evolução de seus membros e depende de sua interação”.

Quando os pedidos dos foliões são atendidos, eles fazem questão de dar este testemunho a todos os participantes da folia e, principalmente, às pessoas que recebem o grupo em suas casas. Assim, confirmam e reproduzem a crença na suposta capacidade milagrosa, como se observa nos trechos: *“para mim a Folia de Reis é uma maravilha. Tanto na parte espiritual, como na caridade das pessoas, que eles todos são católicos, gostam de esperar os foliões para rezar o terço. Os votos... quantos votos nós temos cumprido, quantos milagres nós já vimos e podemos contar para agradecer os Três Reis Santos. São os poderes de Deus, de Nossa Senhora com os Três Reis Santos.”* Acrescentam: *“a folia é muito boa, pois os Três Reis Santos são muito milagrosos e, as pessoas que participam, assim como eu, também têm muita fé. Enquanto eu estiver vivo, se Deus quiser, estarei participando da Folia de Reis.”*

A promessa constitui uma das principais fontes de motivação para que muitas famílias participem da folia. Em caso de necessidade ou aflição, os devotos de Santos Reis a eles recorrem, solicitando sua intercessão junto a Jesus Cristo. Os foliões, fervorosamente, fazem seus “votos”: pedidos ou agradecimentos pelas graças recebidas. Dessa forma, “como uma pessoa, os Três Magos são venerados, tidos como facilmente milagrosos e, portanto, como santos de devoção” (BRANDÃO, 1985). Quando a graça pedida é atendida fica o devoto compromissado a cumprir a promessa de contribuir com a folia, participando dela ou mesmo responsabilizando-se por sua realização. *“Santos Reis é muito milagroso. Eu fiquei doente e*

fiz uma promessa que se me curasse, ia junto com os outros foliões foliar em todos giros, enquanto tiver força. Graças a Santos Reis me curei.”

Goldstein e Sommerhalder (2002) levantam a hipótese de as crenças espirituais e religiosas ganharem maior relevo e importância à medida que os indivíduos envelhecem. Devido a inúmeras mudanças físicas, sociais e psicológicas, o idoso tende a enfrentar com maior intensidade situações de perda, sejam de amigos, parentes, sejam de trabalho e convívio social. Por isso, muitas vezes sentem a necessidade de vínculos sociais que lhe tragam o conforto espiritual para lidar com as tristezas e angústias causadas por essas situações no curso de suas vidas.

Esses vínculos e a busca dessa solidariedade aparecem com clareza na motivação dos idosos em participarem da folia. A “comunhão e a ajuda mútua” entre os componentes do grupo são sempre ressaltadas e valorizadas. Um pequeno exemplo é a escolha do transporte para a condução dos componentes, da cidade de Patos de Minas à Mata dos Fernandes. Não medem esforços para conseguirem a locomoção necessária para chegarem às fazendas. De carro próprio, de motocicleta, de táxi, de carona, de bicicleta ou, em último caso, a pé, certamente eles chegarão a folia: *“antigamente como todos os foliões do grupo moravam na roça, iam visitando às casas, batendo as chinelinhas, mas o tempo foi passando e todos mudaram para a cidade de Patos. Aí a gente foi precisando de carona, para vir a roça.”*, *“a gente dá um jeito para que todo o folião do grupo consiga chegar à roça para foliar com os outros do grupo.”*, *“Santos Reis é muito milagroso e por isso, a gente está na folia até hoje. E enquanto os Santos Reis permitirem, a distância que os foliões tiverem que percorrer não será o que vai atrapalhar.”*

- Papel da mulher

No que se refere à participação da mulher na Folia de Reis do Limão, como alferes da bandeira, não houve unanimidade nas opiniões. Dois dos entrevistados afirmaram que a presença delas no grupo causa constrangimento, pois não podem falar de qualquer assunto, como ocorre entre eles: *“antigamente as mulheres não participavam, pois os homens eram muito sistemáticos e elas tiravam a liberdade da gente ir ao banheiro, não se pode conversar sobre qualquer coisa, tem que tomar cuidado com as palavras na frente delas e isso tira parte da diversão da folia.”*

Entre esses dois entrevistados, os quais, de alguma forma, manifestaram constrangimento em relação à participação das mulheres no grupo de foliões, um deles é muito enfático ao afirmar a sua posição: *“Na Folia do Limão, tem uma mulher participando como alferes da bandeira, mas não acho certo, pois a gente não pode beber nossa pinguinha direito e, você sabe né... começa a falar o que não deve e aí estraga tudo.”* Para esses idosos, a mulher deve ser excluída, pois é alguém diferente, que constrange as atitudes dos demais componentes do grupo. Já os outros quatro entrevistados foram a favor da participação da mulher, como se observa: *“a gente quer que a mulher participe, pois são elas que deixam a folia mais bonita. Só que elas são muito acanhadas tanto para tocar algum instrumento, como para cantar e aí é difícil que elas participem dos giros da folia.”*

A participação feminina permite e mostra não só a reinvenção da tradição, mas a ressignificação das relações. Como as relações entre o homem e a mulher vêm mudando, até nos lugares mais remotos, é perceptível seu reflexo na tradição. Conforme afirmam Guiddens e Hobsbawn, as tradições se atualizam, incorporando os comportamentos sociais que se modificam com o passar dos anos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O aumento da expectativa de vida para os idosos contribui fortemente para a existência de novas formas de relacionamentos familiares e sociais.

O idoso está fortemente associado aos desgastes, às doenças, aos problemas físicos ou psicológicos. Assim, Chauí (apud BOSI, 2004) ratifica tal situação do idoso, que “é impedido de lembrar e ensinar, sofrendo as adversidades de um corpo que se desagrega à medida que a memória vai se tornando cada vez mais viva”.

Apesar desse contexto muitas vezes adverso ao idoso e à propagação de sua memória, há o reconhecimento da necessidade de se envidarem esforços para mudar tal quadro, bem como aprofundar estudos sobre o seu papel social. A esse respeito, ERBOLATO (apud FREITAS et al, 2002, p.958) relata que:

“Papéis sociais nada mais são do que formas de comportamento socialmente prescritas que carregam consigo uma expectativa de como devem ser desempenhadas. Tais papéis permitem, contudo, certa flexibilidade em suas manifestações, sem que sejam descaracterizados. São reflexos da cultura de uma sociedade particular. Uma vez aceitos os papéis, presumivelmente são também adotados estilos de interação condizentes com os mesmos. Alguns são conquistados, como certos papéis de pais, e outros são atribuídos, como os papéis de criança ou de velho [...]”

Percebe-se, portanto, que os idosos, muitas vezes, mantêm as mesmas formas de interação social da vida adulta, condicionadas por experiências anteriores, o que pode limitar o aumento de relações com outras pessoas diferentes da família, pois é ainda muito comum que o idoso tenha o convívio restrito aos familiares. Por isso, a velhice não é somente o acúmulo de experiências da vida, mas também como essas experiências são repassadas e preservadas de forma a contribuir para o estabelecimento de novos laços que possam ser relevantes para as gerações futuras. Nessa abordagem, BOSI (2004, p.81) relata a importância da memória para a manutenção da função social do idoso:

“Se existe uma memória voltada para a ação, feita de hábitos, e outra que simplesmente revive o passado, parece ser esta a dos velhos, já libertos das atividades profissionais e familiares. Se tais atividades nos pressionam, nos fecham o acesso para a evocação, inibindo as imagens de outro tempo, a recordação nos parecerá algo semelhante ao sonho, ao devaneio, tanto contrasta com nossa vida ativa. Esta repele a vida contemplativa.

Mas o ancião não sonha quando rememora: desempenha uma função para a qual está maduro, a religiosa função de unir o começo ao fim, de tranquilizar as águas revoltas do presente, alargando suas margens [...]

Conforme a autora, um mundo social tão rico e diversificado culturalmente, ainda que desconhecido, pode nos ser apresentado por meio da memória dos idosos, caminho profícuo para que se estabeleçam possibilidades de se reviver aquilo que não se presenciou, de experimentar o que, embora distante temporalmente, pode-se fazer presente. Desta feita, “a conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda”, tendo em vista que ele se torna imprescindível à manutenção da memória coletiva.

O propósito desse estudo foi analisar o papel do idoso na preservação da memória coletiva na festa Folia de Reis, em Patos de Minas-MG que, segundo BRANDÃO (1985), dentre as festas católicas espalhadas por todo o território nacional, é “a viagem mais difundida no Brasil e a mais rica de ritos e crenças próprias. (...) A Folia de Reis é um ritual do catolicismo popular que desde muitos anos tornou-se predominantemente rural”. Como teria tal festa ganhado a repercussão que tem hoje nas pequenas e grandes cidades do país? Tal explicação nos remete à capacidade de expansão e preservação da cultura, o que hoje é papel do idoso por excelência.

Nos rituais de afirmação e celebração coletiva de sociedades com fortes raízes rurais e com profundos sentimentos religiosos, os idosos desempenham papéis qualitativamente distintos dos papéis a eles geralmente reservados nas sociedades contemporâneas, especialmente nos grandes e médios centros urbanos.

Na Folia de Reis identificamos a importância da memória cultural dos idosos ao rememorarem e reproduzirem o que já vem sendo transmitido por gerações anteriores - o nascimento do Menino Jesus e o caminho percorrido pelos Reis Magos para adorá-lo. Tal rememoração ocorre com a visita dos foliões às casas. Ao encenarem e entoarem as ladainhas revivem toda essa história.

Observamos que a festa da Folia de Reis representa um momento muito especial para os idosos: ao celebrarem coletivamente sua devoção aos Reis Magos, contribuem para o fortalecimento do grupo e da preservação da memória cultural de toda uma história. Todos esses fatores contribuem com uma intensa energia que se irradia aos demais presentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Martha. O império do Divino. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1999.
- AMARAL, Rita. Festa à Brasileira: sentidos de festejar no país que “não é sério”. Disponível em: <<http://www.aguaforte.com/antropologia/festabrasileira/festa.html>>. Acesso em: 02/06/2005.
- ARAÚJO, Alceu Maynard. Folia de Reis de Cunha. São Paulo, 1949.
- ARAUJO, Betânia M. Comunicação e crença: mitos e rituais. In: CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE FOLKCOMUNICAÇÃO, 1998, São João Del Rei – Mg. Disponível em: <www.sabbatini.com/bemaciel/producao-intelectual.htm>. Acesso em 02/07/2004.
- ASSUMPÇÃO, Luís Otávio Teles. Teoria Antropológica da Festa. Brasília (mimeo) s/d.
- BAUER, Martin W; GASKELL, George. Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som. Editora Vozes, Rio de Janeiro, 2002.
- BEAUVOIR, Simone de. A Velhice. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1990.
- BEZERRA, Audrey. Dia de Reis: no céu, a estrela... Disponível em: <<http://www.emtempo.com.br/arquivos.asp?cd=AF>>. Acesso em: 1/6/2006.
- BÍBLIA SAGRADA, 168ª Edição. Evangelho de São Mateus (2, 1-12). Editora Ave Maria, São Paulo, 2005.
- BIROU, Alain. Dicionário das Ciências Sociais. Editora Dom Quixote, Lisboa, 1978.
- BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade. Editora Companhia das Letras, São Paulo, 2004.
- BRANDÃO, C. Rodrigues. Memória do Sagrado. Editora Edições Paulinas, São Paulo, 1985.
- CASCUDO, L. da Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. Editora Global, São Paulo, 2005.
- CASTRO, Zaíde de Maciel e COUTO, Aracy do Prado. Folias de Reis. Secretaria de Estado da Educação e Cultura. Rio de Janeiro.
- CHAUÍ, Marilena. Convite à Filosofia. Editora Ática, São Paulo, 2001.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. Dicionário de Símbolos. Editora José Olympio, Rio de Janeiro, 2003.
- COURY, Marialda. Patrício Filho resgata uma parte de nossa cultura popular: a Folia de Reis. Gente da Gente, Patos de Minas-MG, janeiro, 1997.
- DAMATTA, Roberto. O que faz o Brasil, Brasil? Editora Rocco, Rio de Janeiro, 1984.

DUVIGNAUD, Jean. Festas e Civilizações. Fortaleza. Edições Universidade Federal do Ceará, Rio de Janeiro, 1983.

ENCYCLOPAEDIA BRITÂNICA DO BRASIL P. Dicionário de Estudos Sociais. Rio de Janeiro, 1980.

ERBOLATO, Regina M. Prado Leite. Relações Sociais na Velhice. In: FREITAS, Elizabete Viana de et al. Tratado de Geriatria e Gerontologia. Rio de Janeiro. Guanabara Koogan, 2002.

GENNEP, Arnold Van. Os Ritos de Passagem. Editora Vozes, Rio de Janeiro, 1978.

FIAMENGHI, Geraldo A. Rituais familiares: alternativas para a re-união das famílias. Disponível em: <<http://www.mackenzie.com.br/universidade/psico/publicacao>>. Data de acesso: 25/05/2005).

GIDDENS, Anthony. O Mundo em Descontrole. Editora Record, Rio de Janeiro, 2000.

GOLDSTEIN, Lucila L; SOMMERHALDER, Cinara. Religiosidade, Espiritualidade e Significado Existencial na Vida Adulta e na Velhice. In: FREITAS, Elizabete Viana de et al. Tratado de Geriatria e Gerontologia. Rio de Janeiro. Guanabara Koogan, 2002.

GONTIJO, Suzana. Envelhecimento Ativo: uma política de saúde. Organização Pan Americana de Saúde, 2005. Disponível em: <<http://dtr2001.saude.gov.br/svs/pub/pdfs/envelhecimento.ativo>>. Acesso em: 05/05/2005.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. A invenção das Tradições. Editora Paz e Terra, São Paulo, 2002.

ITANI, Alice. Festas e Calendários. Editora UNESP, São Paulo, 2003.

JONHSON, Allan G. Dicionário de Sociologia: guia prático da linguagem sociológica. Editora Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1997.

LAUER, Robert. R. A Folia de Reis. Disponível em: <[http://faculty.staff.edu/L/A-Robert R. Lauer](http://faculty.staff.edu/L/A-Robert.R.Lauer)>. Acesso em 12/09/2004.

LINTON, Ralph. O Homem: uma introdução à Antropologia. Livraria Martins Editora. São Paulo, 1939.

MELLO, A. de Oliveira. Patos de Minas Centenária. Editora da Prefeitura Municipal. Patos de Minas-MG, 1992.

MOREIRA, Nêgo. Cem Anos de Sociedade de São Vicente de Paulo em Patos de Minas. Editora O Lutador, Patos de Minas-MG, 2000.

PEDROSO, Carlos. Folia de Reis: Folclore Encantado. Editora Poligráfica. Uberaba-MG, 2003.

PEIRANO, Mariza. Rituais Ontem e Hoje. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

RIVIÈRE, Claude. Os Ritos Profanos. Petrópolis-RJ: Vozes, 1996.

ROSA, João Guimarães. Manuelzão e Miguilim. Editora Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 1984.

SARAIVA, Adriano Lopes e SILVA, Josué da Costa. Especialidade das Festas Religiosas. Disponível em: <<http://www.unir.br/~albertolinscaldas/espacialidadedasfestas>>. Acesso em: 02/10/2005.

SOUZA, Elza Maria de. Reminiscências: as lembranças como patrimônio social. Revista Humanidades, n° 45. Editora Universidade de Brasília, 1999.

TONUCCI, J. B. M. Prépoesia: poemas da aurora do poeta até os dias de hoje. Disponível em: <<http://www.revista.agulha.nom.br/Jon%20Tonucci%20-%20Prepoesia.>>. Acesso em: 06/02/2006.

TREMURA, W. Alves. A Música Caipira e o Verso Sagrado na Folia de Reis. Disponível em: <[http://www.hist.puc.cl/iaspm/rio/Anais2004%20\(PDF\)/WelsonTremura.pdf](http://www.hist.puc.cl/iaspm/rio/Anais2004%20(PDF)/WelsonTremura.pdf)>. Acesso em: 15/08/2006)

TURNER, Victor W. O Processo Ritual. Petrópolis-RJ: Vozes, 1974.

VOLTAIRE, Schilling. Nietzsche, a construção do Zaratustra :A quem Zaratustra procura. Disponível em: <<http://www.terra.com.br/voltaire/artigos/nietzsche>>. Data de acesso: 26/01/2006.

ANEXOS

ANEXO A

QUESTÕES ABORDADAS NAS ENTREVISTAS

- 1) Idade;
- 2) Há quanto tempo participa da Folia de Reis?
- 3) Qual o motivo que fez o idoso participar da Folia de Reis?
- 4) O que mudou na Folia de Reis?
- 5) Por que o nome Folia de Reis do Limão?
- 6) Há quantos anos a Folia de Reis do Limão existe?
- 7) Qual o motivo de somente homens participarem do percurso nos cinco dias da Folia de Reis?
- 8) Gosta de participar da Folia de Reis? Por quê?
- 9) Já recebeu a Folia de Reis em sua casa? Gostou? Por quê?
- 10) Qual a diferença entre a participação de velhos e jovens na Folia de Reis?
- 11) Por que se arrecada o dinheiro durante às visitas?
- 12) Por que em cada casa visitada há a comida e bebida aos foliões?
- 13) Como é custeada a comida e bebida aos foliões?
- 14) Qual a função da bandeira na Folia de Reis?
- 15) O que é o encontro de folias? Como ocorre?
- 16) Como são feitos os preparativos para a Folia de Reis?
- 17) Qual é a distância entre a zona rural, Mata dos Fernandes, e a cidade de Patos de Minas?
- 18) Como é feita a locomoção à Mata dos Fernandes?
- 19) Como são feitas as montagens dos presépios nas casas visitadas?
- 20) A Igreja participa da Folia de Reis? Como?
- 21) Há apoio de políticos na Folia? Como?

ANEXO B

RELAÇÃO DOS GRUPOS DE FOLIAS DE REIS CADASTRADOS NO ANO 2005

DISPENSÁRIO SÃO VICENTE DE PAULO- PATOS DE MINAS – MG

Folia do Um	Capitão João Pereira Silva
Folia Sumaré e Mataburrinho	Capitão Ovídio Regosino
Folia dos Bairros Sta. Terezinha e Sta. Luzia	Capitão Gaspar
Folia Estrela do Oriente	Capitão Zé Barra e Josué
Folia de Manabuiú	Capitão José Rosa e João Márcio
Folia Bairro S. Geraldo e Cristo Redentor	Capitão Albertino e Dorvalino
Folia Barreiro da Serrinha	Capitão Deodato Gonçalves Caixeta
Folia do Curraleiro-Saudoso Antônio Nascimento	Capitão Josias e José Romualdo
Folia Pindaíbas	Capitão Valdemar Gomes e Vicente Raposo
Folia Bairro Sta. Terezinha-Saud. José Antônio	Capitão Joãozinho e Gilson
Folia de Horizonte Alegre	Capitão Pedro Raimundo
Folia do Cristo Redentor	Capitão Belchior Raquel
Folia Bairro Sta. Terezinha	Capitão Lico da Eva e Valdir
Folia Md. Mataburrinho	Capitão Vicente Cândido
Folia do Limão	Capitão Neném da Joana
Folia Cabral	Capitão Moacir Caixeta e Braz Lourenço
Folia Porto das Posses	Capitão Antônio Benfica, Vaní, Lena e Zacarias
Folia do Bairro Brasil	Capitão José Gabino

RELAÇÃO DOS GRUPOS DE FOLIAS DE REIS CADASTRADOS NO ANO 2005

DISPENSÁRIO SÃO VICENTE DE PAULO- PATOS DE MINAS – MG

Folia Jardim Esperança	Capitão José Batista e Elízio
Folia Bertioga	Capitão Pedro Clarindo
Folia da Rua Duque de Caxias	Capitão Tião Belchior
Folia Bairro Sobradinho	Capitão Sebastião Vigário
Folia Bairro São José Operário	Capitão Ildo Donizete e Tiãozinho
Folia Três Irmãos, Bairro Coração Eucarístico	Capitão Francisco e Moisés
Folia Alto da Colina	Capitão Antônio Preto e Badeco
Folia da Rua 1º de Maio	Capitão Zé Borges
Folia do Sertãozinho	Capitão Jorge Onofre
Folia Saudoso Indalécio Camilo	Capitão Marrão
Folia Esperança-Baú, Lagoa Formosa	Capitão Adão
Folia Bairro Padre Eustáquio	Capitão Zé Peteco
Folia Sta. Rosa de Lima-Bairro Vila Rosa	Capitão Donizete e Tião Barroso
Folia São Vicente de Paulo-Lagoa Formosa	Capitão Baltazar e José Eduardo
Folia Bairro Sebastião Amorim 11	Capitão Cincinato
Folia Mata do Brejo	Capitão Antônio Quintino e José Romualdo
Folia Bairro Alvorada 11	Capitão José Anacleto
Folia Contendas	Capitão Pedro Jacinto e Élculi
Folia Félix-Bairro Cerrado	Capitão Belchior Félix
Folia Mata dos Fernandes- Saudoso José Jorge	Capitão Eurípedes e Gregório

RELAÇÃO DOS GRUPOS DE FOLIAS DE REIS CADASTRADOS NO ANO 2005

DISPENSÁRIO SÃO VICENTE DE PAULO- PATOS DE MINAS – MG

Folia do Pântano	Capitão José Nego
Folia Jardim Panorâmico	Capitão Paulo Rael
Folia da Onça	Capitão Tõenzinho Severo
Folia dos Camargos	Capitão Nadir
Folia Feminina Raio de Luz	Capitã Francisca
Folia Capão das Canoas	Capitão Hamilton
Folia do Bairro N. Senhora Aparecida	Capitão Belchior Ronaldo
Folia do Divino Espírito Santo (Baú)	Capitão Adilson
Folia São João da Serra Negra	Capitão João Bastiana e João Batista
Folia de Mataburros	Capitão Vicente Honório
Folia Cedro-Arapuá	Capitão Vicente
Folia Mata dos Fernandes	Capitão Geraldo Rapadura
Folia Sagrada Família	Capitão Tião Maricota
Folia Santiago	Capitão Severino Menezes
Folia Feminina de Canabrava-Lagamar	Capitã Cidinha
Folia da Colônia Agrícola	Capitão José Wilson, Gilson e Wilson
Folia da Mata dos Fernandes	Capitão Arnaldo Lopes
Folia Imaculada Conceição	Capitão Belchior Raquel
Folia Aragão	Capitão Zé Davi

RELAÇÃO DOS GRUPOS DE FOLIAS DE REIS CADASTRADOS NO ANO 2005

DISPENSÁRIO SÃO VICENTE DE PAULO- PATOS DE MINAS – MG

Folia N. Senhora da Piedade-Lagoa Formosa	Capitão Valdão
Folia do Bairro Caramuru	Capitão Esmeraldo
Folia do Braz (Alvorada 1)	Capitão Geraldo Braz e Zacarias
Folia Capoeirão dos Badús	Capitão Antônio Gomes e Tito
Folia Barreirinho	Capitão Israel e Augusto
Folia Prefeitura	Capitão José Wilson e Amadeu
Folia dos Reinaldos	Capitão Erasmo
Folia Bairro Caramuru	Capitão Sebastião Augusto e João Martins
Folia São Miguel	Capitão Luiz Gonzaga
Folia do Zeca Mota	Capitão José Mota
Folia Ponto Chique	Capitão Vanderlí
Folia do Areado	Capitão Tõezinho
Folia da Baixadinha	Capitão Gaspar e Antônio do Lalau
Folia dos Vieiras	Capitão Paulinho
Folia Barreiro dos Olhos D'água	Capitão Rogério e Roberto
Folia Basílios	Capitão Zé Neném
Folia Lagamar	Capitão Jodir
Folia dos Três Reis-Major Porto	Capitão Pedro Baiano, Nicomedes Oliv. Silva

RELAÇÃO DOS GRUPOS DE FOLIAS DE REIS CADASTRADOS NO ANO 2005

DISPENSÁRIO SÃO VICENTE DE PAULO- PATOS DE MINAS – MG

Folia Mirim de Alagoas	Capitão Bruno
Folia Alagoas	Capitão José Wilson e José Pereira
Folia Folia Anunciadores de Gabriel	Capitão Nilson
Folia Feminina Estrela Dalva	Capitã Madalena
Folia Mata dos Fernandes – Saud. Amadeu R. Correa	Capitão Vanderlei e Marcelo

ANEXO C

FOTOS DA ZONA RURAL DE PATOS DE MINAS – MG

MATA DOS FERNANDES



ANEXO C₂

FOTOS DA ZONA RURAL DE PATOS DE MINAS – MG

MATA DOS FERNANDES



Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)